

# Formas não convencionais de organização na América Latina: reflexões acerca do discurso de desenvolvimento no modo de vida dos faxinais

**Antônio João Hocayen-da-Silva**

**Fabio Vizeu**

**Rene Eugenio Seifert**

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos, vem crescendo na área de Estudos Organizacionais o debate sobre a legitimidade das ideias vinculadas ao modelo capitalista na determinação dos critérios de efetividade da vida organizacional. Assim, conceitos como os de



desenvolvimento, crescimento econômico e progresso, bem como as ações práticas decorrentes de um comportamento utilitarista representam uma temática de ponderações e julgamentos. Tanto pesquisadores de diferentes áreas acadêmicas – reflexão científica – quanto pessoas em seu cotidiano de vida – reflexão empírica/vivenciada – têm se dedicado à compreensão da realidade e dos fenômenos sociais que envolvem o discurso ideológico de desenvolvimento, em relação a suas propostas, seus limites e suas contradições.

Na área de Estudos Organizacionais em Administração o desenvolvimentismo se traduz em específicas premissas assumidas como diretrizes orientadoras para pesquisas e para os modelos a serem seguidos. Assim, o modelo de organização universalizado como referência é o modo de produção capitalista, baseado na reprodução do capital e na racionalidade utilitarista (VIZEU, 2010). O objetivo primeiro da organização passa a ser o crescimento visando à concentração de capital e aumento da competitividade (SEIFERT; VIZEU, 2011; 2015). A premissa fundamental da Teoria Organizacional passa a ser a racionalidade instrumental, baseada no modelo burocrático e em suas diretrizes comportamentais (GUERREIRO RAMOS, 1989). Assim sendo, qualquer outro tipo organizacional é considerado como inadequado ou estranho à área de Estudos Organizacionais, como por exemplo, as comunidades tradicionais (BOEHS; SEIFERT; VIZEU, 2013).

Portanto, o pensamento desenvolvimentista tornou-se dominante em decorrência da crença de que os benefícios resultantes seriam democráticos, atingindo indistintamente indivíduos em diferentes contextos sociais (GUIMARÃES, 2002). Associado a ideia de prosperidade, esse processo ideológico acabou por se cristalizar numa lógica alicerçada na busca pelo crescimento econômico (SCHUMACHER, 1977). No entanto, a promessa que acompanha o discurso de desenvolvimento, embora seja cada vez mais difundida não atinge todos, no mundo, de forma igualitária. Atende pequena parcela da Sociedade (SANTOS, 2010). Na verdade, a prosperidade do crescimento e desenvolvimento não é distribuída uniformemente nem nas regiões mais ricas, quem dirá em contextos periféricos à lógica de acumulação de capital. Mesmo assim, reforça os limites determinantes da distinção entre centro e periferia (ANDRADE, 1974).

Neste sentido, contextos sociais tradicionais são vistos como empecilhos para a consecução dos planos de expansão do modelo capitalista de produção, uma vez que se mantêm alheios aos seus ditames centrais, organizando-se a partir de sua própria lógica. Todavia, o que se observa é que a lógica utilitarista defendida por governantes e corporações capitalistas se torna perniciosa. Representa o enfraquecimento da Sociedade por desconsiderar as singularidades de um povo, conduzindo sua população a uma imposição política e econômica de cima para baixo. Ação esta que considera iguais as diferentes arestas da Sociedade,

desprezando a multiplicidade cultural e abrindo caminho para a dependência e a dominação (SANTOS, 2007).

Considerando as contradições recorrentes no discurso dominante sobre o imperativo do desenvolvimentismo e a crença na incompatibilidade das Comunidades Tradicionais com os Estudos Organizacionais, partiu-se da ideia de Guerreiro Ramos (1989) de que é possível encontrar em novas referências humanas e sociais princípios proveitosos para esta área acadêmica.

Assim sendo, o estudo norteia-se a partir da seguinte questão de investigação, *como o discurso e as ações alinhadas a uma perspectiva desenvolvimentista têm impactado no cotidiano comunitário dos Faxinais?* É lançado olhar para experiências comunitárias tradicionais, uma vez que, entendemo-las como importante realidade organizacional a ser investigada pelos pesquisadores desta área. As comunidades tradicionais comportam um potencial questionador ao modelo organizacional dominante, pois assumem princípios coletivistas relevantes para se pensar na vida humana associada não individualista e não baseada na exclusão. Além disso, a permanência de formas tradicionais na Modernidade pode revelar possíveis caminhos para dar conta de ambas as esferas culturais – a Moderna e a Tradicional. Esse parece ser o caso de um tipo de organização

comunitária exclusiva da América Latina, mais precisamente, do Sul do Brasil, denominada por Faxinais.

Assumindo o objetivo de *compreender o impacto do discurso e das ações alinhadas a uma visão desenvolvimentista sobre a forma de organização, o modo de produção e o convívio social no contexto das Comunidades Tradicionais de Faxinais*, o texto está estruturado em sete seções, a saber: Após essa breve introdução, o item dois traz as reflexões teóricas acerca do modelo dominante de organização; a lógica predominante na Sociedade de Mercado e limites e contradições decorrentes do discurso desenvolvimentista; O tópico três dedica-se a discussão das características de organização das Comunidades Tradicionais de Faxinais, assumidas aqui como Formas Não Convencionais de Organização; Na sequência é apresentada a metodologia do estudo, em que são descritos os pressupostos teóricos e os procedimentos de coleta e análise dos dados; Posteriormente, são revelados os resultados da pesquisa acerca dos impactos do discurso de eficiência produtiva e de propriedade privada sobre o contexto dos faxinalenses; Finalmente, as considerações finais e as referências.

## MODELO DOMINANTE E HEGEMÔNICO DE ORGANIZAÇÃO: SOCIEDADE DE MERCADO

Considerando a singularidade e a interdependência dos episódios históricos inerentes à gênese da modernidade – que de forma direta acarretou na transposição de um mundo tradicional para um mundo moderno – autores destacam a centralidade da lógica instrumental do cálculo utilitário de consequências neste processo. Contudo, faz-se necessário que sejam delimitados os pilares de constituição e consolidação da Sociedade de Mercado, demarcada pelo modo capitalista de produção, assumido como modelo hegemônico e dominante de organização em diferentes contextos sociais.

Nesse sentido, alguns estudos auxiliam na desmistificação de certas ideias a respeito dos princípios fundamentais que articulam a vida humana associada (GUERREIRO RAMOS, 1989). Dentre estas questões, princípios norteadores da atividade econômica têm sido objetos de questionamentos, estando na pauta de pensadores modernistas, como por exemplo, Adam Smith, Jacques Rousseau e Thomas Hobbes. O comportamento social que define a estrutura econômica vigente tem sido celebrado como a hegemonia dos valores de uma Sociedade burguesa, triunfante diante dos arranjos políticos e institucionais consolidados no século XIX (HOBSBAWM, 1996; VIZEU, 2011).

Todavia, como apontando por Polanyi (2000), tais considerações não levam em conta que o sistema econômico atual sofreu transformações ao longo do tempo, tendo como ponto crucial de consolidação o modo de produção capitalista. Este, por sua vez, se explica por um processo histórico que induziu a transposição de uma lógica tradicional para a centralidade de uma prática utilitarista, baseada nas relações de mercado.

O utilitarismo teria sido erroneamente concebido como resposta da busca natural do homem pela satisfação das suas necessidades a partir do uso irrestrito dos elementos dispostos na natureza. O que se argumenta aqui é que esta concepção de comportamento, antes de ser um princípio de humanidade, foi na verdade uma ideologia promovida pelo desenvolvimento industrial e pelo avanço técnico-científico experimentado, decorrentes do processo de modernização da Sociedade (BENDIX, 1974; SERVA, 1996).

Neste processo, certamente, a Revolução Industrial marca a consolidação de um conjunto de valores e princípios que foram importantes (BENDIX, 1974). Assim, Hobsbawm (2000) enfatiza que a Revolução Industrial apresenta-se como um movimento na base da Sociedade de Mercado. Porém, o modo de produção baseado no sistema industrial não se deu de forma abrupta, acompanhou as mudanças da sociedade, emergindo em decorrência de uma combinação de

fatores que provocou a reconfiguração no modo de vida das pessoas (HOBSBAWM, 1977).

Com o advento da era Moderna, o homem que vivia do campo, com suas atividades direcionadas ao cultivo de alimentos e criação de animais visando o sustento da família, tem seu modo de vida radicalmente alterado. Isto se deu particularmente pela ação dos senhores, que se apropriavam da terra e passavam a explorar a força de trabalho em favor de seus interesses econômicos. Numa primeira fase, esta apropriação ocorreu ainda com as atividades de agricultura e pecuária, e em seguida, em pequenos moinhos de engenho, provendo a família dos senhores, bem como gerando excedente que era direcionado para o mercado consumidor, do qual os próprios colonos muitas vezes se serviam (HOBSBAWM, 1977).

Entender estes acontecimentos é fundamental para compreender a emergência das Sociedades ocidentais contemporâneas. Conforme salienta Braverman (1981) foram estes processos que deram início a uma lógica de mercado que potencializou o crescimento e a profissionalização das organizações, amparadas pelo contínuo crescimento da vida urbana com suas necessidades. Sob o ponto de vista da lógica capitalista, foi este processo que garantiu a constituição do mercado para o fornecimento de mão de obra necessária às atividades



industriais e o mercado de consumo para as mercadorias decorrentes do processo produtivo.

Assim, o mundo moderno é marcado por um fluxo dinâmico de ajustes nas relações sociais, tendo como aspecto central uma lógica econômica historicamente constituída pelas relações de mercado e seus catalisadores (MARX, 1978).

Neste sentido, Harvey (2007) aponta que a transposição de uma Sociedade rural para uma Sociedade urbana e moderna, dominada por princípios utilitaristas, foi acompanhada de ideais de produção em massa e em detrimento de práticas de subsistência permeadas pela lógica coletivista.

Esta mudança implicou em um redirecionamento social em que tal coletivismo, até então princípio organizativo fundamental da vida humana associada, conforme aponta Guerreiro Ramos (1989), dá lugar ao racionalismo de ordem instrumental, que, ao extrapolar os limites das corporações industriais, passa a reger a vida social das pessoas. Como salientado, esta transformação também foi reforçada por um contexto de consumo em massa, dominante na Sociedade industrial moderna.

Em decorrência das transformações da sociedade, a crença de que o próspero crescimento econômico sustentaria os pressupostos de um desenvolvimento irrestrito, em termos de regiões ou indivíduos, gerando prosperidade coletiva, demonstrou-se limitada. Por conta desta dificuldade, este processo vem sendo paulatinamente questionado à medida que se expandem e se salientam contradições de ordem social, cultural e ambiental (SACHS, 1998).

Finalmente, assumindo-se uma perspectiva histórica e crítica, os princípios e práticas de organização e de gestão vigentes devem ser considerados como fruto de período histórico da Sociedade em que o homem abandona o modo de vida tradicional, essencialmente rural, e assume os ditames da sociedade industrializada, resultante do modo capitalista de produção. Neste aspecto, tais princípios refletem os anseios da racionalidade instrumental e do cálculo utilitário de consequência, tendo aplicação limitada aos valores de uma Sociedade de Mercado.

Contudo, a Sociedade de Mercado é palco da ação de inúmeras organizações, representantes do modelo hegemônico e dominante de gestão. Muitas formadas por grupos “embasados numa lógica marcada pelo utilitarismo” (SERVA, 1996, p. 573). Que embora não tenham suas ações prejudicadas, dividem o mercado com outras organizações constituídas por princípios humanistas, baseados na



reafirmação da vida humana associada. Confrontando o ideal econômico proclamado pelo modo de produção capitalista, estas organizações coletivistas se sustentam em princípios que valorizam um comportamento ético e moral.

Princípio que, antes de ser algo universal à vida econômica, se configura como algo contrário ao sistema econômico tradicional, que era baseado na produção coletiva e solidária e na subsistência, fundamentos estes que, embora vigentes nas sociedades pré-industrializadas, não se apresentaram como algo determinante das relações sociais vigentes no contexto da Sociedade de Mercado.

#### Lógica dominante na sociedade de mercado: cálculo utilitário de consequências

A formação do sujeito no que se refere à compreensão do mundo, nos agrupamentos humanos tradicionais, dava-se a partir das relações sociais no cotidiano das comunidades. A experiência vivida pelo sujeito em diferentes contextos sociais, mediada pelos costumes e tradições de seu povo e reforçada pela identidade oral, condicionava de forma natural o seu comportamento social, delineando ações destituídas de uma lógica utilitarista. Com o advento da Revolução Industrial, conforme observado por Guerreiro Ramos (1989), o mercado assumiu papel central na formação do comportamento humano. Institui um conjunto de princípios que recusam a individualidade e a experiência prática do

sujeito, padronizando pensamentos e ações em função dos interesses dos grupos dominantes.

Como já foi sinalizado, o elemento determinante do senso de necessidade dos indivíduos nas sociedades pré-capitalistas era a subsistência. Esse sujeito dominava um conjunto de conhecimentos tradicionais que o capacitava a desenvolver múltiplas atividades no dia a dia, independente de suas complexidades, visando à manutenção da vida. Por outro lado, no contexto atual, as organizações formais promovem a apreensão do saber do indivíduo, destituindo-o da função de produtor, inserindo-o na dinâmica organizacional com a responsabilidade de se adaptar ao trabalho padrão, executando tarefas especializadas, desobrigadas de habilidades e competências sociais (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Guerreiro Ramos (1989, p. 96), afirma que “a nação transformou-se numa sociedade organizacional e a pessoa humana num homem de organização”, cuja principal característica seria a submissão aos ditames dos detentores de capital. Recolhendo-se ao papel estabelecido como sua ocupação no emaranhado de tarefas necessárias para a manutenção da lógica dominante das corporações econômicas (GUERREIRO RAMOS, 1989).

A atividade econômica assim, embasada no cálculo utilitário de consequências se apresenta como uma ação socialmente orientada, uma vez que o processo produtivo, nas organizações, torna-se relevante em função da expectativa de absorção dos produtos pelo mercado consumidor (WEBER, 2009). Por sua vez, sociedades pré-capitalistas, fundamentadas nas atividades de subsistência e da vida rural, são caracterizadas, mesmo com a existência de relações econômicas, por valores socialmente compartilhados e culturalmente constituídos. A intenção do sujeito ao estabelecer relações comerciais estava condicionada a valores que, de forma articulada, contribuíam para a configuração de um comportamento coletivo.

Guerreiro Ramos (1989) reforça que a lógica de cálculo utilitário de consequências massificou-se como conduta padrão, invadindo, em virtude da alienação de indivíduos, ou por imposição de seus defensores, grande parte dos enclaves sociais com o advento da própria Sociedade de Mercado.

Nesse sentido, a Sociedade de Mercado constitui-se em um sistema de significados que somente encontra aderência na hegemonia das sociedades industrializadas modernas e de seu sistema de funcionamento. Essa nova dinâmica social contém um sistema econômico que se consolidou em torno da perspectiva de lucro, em que ações e relações comerciais constroem-se em torno da expectativa de

geração de ganho ao capital que foi investido, a ponto de permitir a acumulação pelo investidor. Com tais mudanças da sociedade, princípios de reciprocidade, redistribuição e domesticidade, base das sociedades pré-capitalistas (POLANYI, 2000; WEBER, 2004), foram substituídos pelo comportamento utilitarista.

Para Weber (2004), o comportamento utilitarista, como uma lógica dominante na sociedade moderna, condiciona o sujeito a um modo de vida singular em que o indivíduo não encontra vias alternativas para manifestação de sua própria subjetividade, estando obrigado a se adaptar aos postulados do ganho e do oportunismo, sob pena de ser formalmente excluído do processo societário.

Finalmente, considerando, como apontado por Guerreiro Ramos (1989), que a racionalidade instrumental domina o mundo ocidental moderno, a organização econômica capitalista é vista por todos como indispensável para a vida humana e todas as suas ações e resultados tendem a gerar prosperidade para a sociedade. Nesse sentido, os indivíduos que dela dependem agem em sua defesa e promoção acima de tudo. A ação da organização sobre a personalidade e a identidade do sujeito permite a reafirmação de sua lógica, bem como a legitimação do mercado junto à sociedade.

Assim, percebe-se que na Sociedade de Mercado, as barreiras geográficas são extintas e as relações econômicas passam a ser guiadas por práticas homogêneas. Práticas cuja ação segrega os princípios da vida comunitária, impondo uma perspectiva utilitarista no dia a dia de Formas Não Convencionais de Organização, como no caso as Comunidades Tradicionais, reforçada pela reprodução de um discurso ideológico emanado pelo modelo hegemônico de organização. Modelo que embora esteja envolto a um conjunto de pressupostos cristalizados não se consolidou efetivamente, apresentando contradições que revelam os limites decorrentes de suas ações.

#### Limites e contradições do modelo desenvolvimentista da sociedade de mercado

Considerando a brutalidade do processo de ruptura de um mundo tradicional com a gênese de um mundo moderno, industrializado, guiado pelo pensamento econômico, em que comportamentos e ações são homogeneizados, é possível delimitar as limitações das propostas decorrentes do pensamento desenvolvimentista. Sobre este ponto, Sachs (1997, p. 216) afirma que “o mundo foi engolido por profunda crise social, agravada pela dilaceração ambiental”. A crise, segundo o autor, teve o homem como condutor central, seja no papel de dominante, detentor de capital, ou no de dominado, trabalhadores explorados e grupos excluídos.

Processo cujas causas principais estão ligadas ao uso indiscriminado dos recursos naturais e a desconsideração de outros aspectos, como: i) a capacidade de regeneração da natureza; ii) as desigualdades em termos de distribuição de renda, submetendo os mais pobres a condições desumanas de sobrevivência; e iii) as práticas de produção para o mercado de consumo em massa, atreladas às demandas latentes, em detrimento da busca pela sobrevivência, em que o comportamento do indivíduo é conduzido pelas necessidades básicas (SACHS, 1997). Manifestam-se, assim, certos conflitos organizacionais, polarizados em dicotomias tais como, individualismo e coletividade, concorrência e cooperação, acumulação e distribuição, produção para o mercado e prática de subsistência. Mas, é importante notar que essa tensão é aparente, pois, os valores da Sociedade de Mercado se sobrepõem aos aspectos coletivistas herdados das sociedades pré-capitalistas.

Assim sendo, especialmente após a Revolução Industrial, a lógica dominante na Sociedade de Mercado subordinou as relações sociais ao “imperativo do controle técnico da natureza e da acumulação de capital” (GUERREIRO RAMOS, 1989, p. 14). Como sinalizado, nas instituições públicas o coletivismo social foi substituído pelo individualismo corporativo. A legitimação de seus princípios, não exclusivamente pelos detentores de capital, conduziu-as a supremacia na sociedade, ainda que

seja ideológico, e, de certo modo, utópico, tendo o cálculo utilitário de consequências como guia das ações humanas.

Os benefícios propalados pelos defensores do modo capitalista de produção, ancorados nos pressupostos de crescimento, desenvolvimento e progresso, tornam-se realidade somente para a parcela da população detentora de capital (SEIFERT; VIZEU, 2015). Portanto, senhores, proprietários de terras e homens de negócios, descendentes de famílias com poder aquisitivo, tornaram-se os capitalistas, cujas atividades baseavam-se na exploração de mão de obra assalariada, no uso irrestrito de recursos naturais e na produção para o mercado.

Conseqüentemente, para Harvey (2007) a evolução dos sistemas de produção fabris, com a modernização de suas plantas industriais, não provocou mudanças somente nas instancias econômicas, financeiras e políticas, foi responsável pelo que Polanyi (2000, p. 51) define como “catastrófica desarticulação nas vidas das pessoas comuns”. Não tendo se concretizado a proposta de produção em larga escala, pela restrição de mercados consumidores, detentores de capital programaram mudanças culturais na sociedade de modo a incentivar o abandono do consumo com base nas necessidades de sobrevivência pela adoção de práticas mercadológicas ligadas ao consumo pelo consumo.

Nesse processo, a busca incessante pelo crescimento representa a lógica que guia as organizações e seus gestores. Pensamento que sempre existiu na história das organizações, tornando-se base para o desenvolvimento do mercado e das sociedades. Para que fosse possível atingir esse crescimento, as práticas adotadas por gestores não demonstravam qualquer tipo de preocupação com questões sociais, econômicas, políticas ou ambientais. Pelo contrário, havia a crença de que esses impactos eram necessários, pois o crescimento geraria uma série de benefícios que suplantariam os malefícios advindos do mesmo (SCHUMACHER, 1977). O progresso, perseguido e difundido pelas organizações modernas, embora apresentado como uma perspectiva de prosperidade ao alcance de todos, tem seus resultados limitados ao contexto econômico (VIZEU, 2004).

Esteva e Prakash (1998) enfatizam que a uma parcela considerável da população foi atribuído o papel de excluídos. Mantidos em uma dinâmica de aproximação e repulsão pela Sociedade de Mercado, tendo em vista que, o mundo moderno sustenta-se sobre as práticas de controle dominante. A sedução do mercado age junto às sociedades marginalizadas. Inicialmente, com o intuito de desconstruir o modo de vida tradicional vigente, visando instituir suas práticas econômicas, dependentes do consumo em massa. A dependência se torna mais evidente com a implantação de instituições econômicas que limitam e confinam os indivíduos aos contornos de seus interesses.

Referindo-se ao fato de que o modo capitalista de produção não possibilitou a toda a humanidade atingir a prosperidade, ideologicamente prometida, Sachs (1997, p. 214) conclui que “a história nos pregou uma peça cruel”. Na concepção do autor, os mercados modernos não conseguiram atender à demanda crescente de trabalhadores dos países periféricos, promovendo assim a degradação da vida cotidiana nesses países. Embora insistisse em dominá-los, com o propósito da consolidação de mercados consumidores potenciais (SACHS, 1997).

Esteva e Prakash (1998) reforçam que o colapso enfrentado pela Sociedade de Mercado, em que as instituições mantenedoras de uma lógica de cálculo utilitário de consequências, têm enfrentado dificuldades econômicas, sociais e ambientais para a manutenção de suas práticas hegemônicas, se apresenta como oportunidade para a massa de excluídos e marginalizados. As pessoas promoveriam a regeneração de uma dinâmica de vida mais humana, conduzida por elementos culturais, que encontrariam significado em uma sociedade tradicional, anterior aos contornos modernos do mundo massificado pelo modo capitalista de produção. Resgatando, como descreve Santos (2010), aspectos como solidariedade, antes tida como princípio essencial para a manutenção da convivência entre os sujeitos.

Historicamente, discutem-se os limites inerentes às propostas de desenvolvimento, principalmente em função da força conquistada pela alocação dos marginalizados, que não se viram inseridos nas camadas beneficiadas com os resultados advindos das ações desenvolvimentistas (ESTEVA; PRAKASH, 1998). Conforme apontam Vizeu, Meneghetti e Seifert (2012, p. 575), “o sistema de produção capitalista se reproduz explorando os indivíduos, destruindo as condições naturais e eliminando as possibilidades de que as relações humanas sejam de fato a centralidade do processo civilizatório”, diferentemente do contexto vivenciado nas Comunidades Tradicionais de Faxinais, marcado por atividades de produção para subsistência e detentoras de uma arena social em que são reproduzidos e reforçados valores, costumes, crenças e princípios culturais que compõem a identidade coletiva dos faxinalenses.

## COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FAXINAIS: PRINCÍPIOS E MODO DE ORGANIZAÇÃO

Comunidades Tradicionais de Faxinais estruturam-se, econômica e socialmente, a partir de dois aspectos centrais, as terras para criar e as terras para plantar. As áreas destinadas ao plantio caracterizam-se como espaços particulares, em que são cultivados alimentos essenciais para a subsistência do núcleo familiar, separadamente dos demais membros da comunidade. São mantidas cercadas

para proteção da invasão dos animais que habitam as áreas destinadas à criação. As terras para os animais (pastagens) são, por sua vez, terras de uso coletivo, nas quais os moradores criam seus animais destinados ao consumo próprio, mas também para a comercialização – como o caso dos porcos – e para o apoio nas atividades de trabalho e transporte (NEIVERTH; LÖWEN SAHR, 2005; NOVAK; FAJARDO, 2008; BRANDT; CAMPOS, 2008).

Brandt (2007), Novak e Fajardo (2008) e Bertussi (2009) observam, que as terras de criar e de plantar distinguem-se ainda em termos de localização no entorno das comunidades. Regiões mais íngremes, caracterizadas por elevada concentração de matérias orgânicas e propícias à produção agrícola, são destinadas às áreas de plantio. Áreas mais próximas aos cursos de águas, planas e predominadas por uma vegetação de capoeira e de florestas de araucárias, conhecidas como criadouros, são aplicadas às práticas de criação de animais, tendo em vista a fartura de alimentos e água, não demandando preocupações por parte dos proprietários. Destaca Ferreira (2009) que, as terras de criar, dominadas pelo exercício do uso comunitário, constituem-se em um elemento para a prática da partilha entre os membros do Faxinal.

Tradicionalmente, as práticas de separação entre as áreas de plantar e de criar giravam em torno do uso de cercas, contudo, os materiais aplicados nas cercarias

são distintos. Muitas vezes percebe-se o uso corriqueiro dos 'rachões', estrutura feita por lascas dos pinheiros; as toras dos pinheiros também são constantes, além de tábuas de árvores diversas; bem como o uso de xaxim. Em épocas mais remotas, utilizavam-se muros de pedras para delimitação dos espaços nos Faxinais; bem como, 'valões', buracos construídos entre o espaço das criações e as plantações, que impediam as invasões nas lavouras (BRANDT, 2005).

Nesse sentido, destaca-se que o sistema econômico, embora atrelado às questões sociais e às práticas de convívio comunitário, apresenta-se conectado a três aspectos fundamentais: ao cultivo de culturas de ciclo anual, a criação de animais e a exploração da erva-mate (SCHMITZ; MOTA; SILVA JÚNIOR, 2005). Reforçados pela localização ao longo dos vales dos rios, em que os faxinalenses praticam "um sistema de uso integrado da terra que abrange a atividade silvopastoril comunitária, a extração de madeira e erva-mate e também a agricultura de subsistência" (LÖWEN SAHR, 2005, p. 1).

Para Barreto (2008) a forma de organização e produção encontrada nos Faxinais, reflete um conjunto de práticas socialmente aceitas e compartilhadas por seus membros, cujo foco central encontra-se na busca pela reprodução do modo de vida, no qual se estruturam essas comunidades. Pontua Albuquerque (2000) que, o sistema de produção predominante nas Comunidades Tradicionais de Faxinais

integra atividades de agricultura familiar destinadas à subsistência, com atividades agrosilvopastoris, que congregam em uma área de florestas, práticas de extrativismo vegetal, lavoura e criação de animais.

Tendo em vista que o plantio é uma prática para manutenção de subsistência das famílias, as áreas utilizadas para esse fim são reduzidas (BRANDT, 2005). Assim, o princípio da economia de subsistência é significativo, tendo em vista que estão localizados em áreas rurais isoladas, afastadas de centros urbanos. “Teriam como fundamento não o valor de troca, mas sim o valor de uso, ou seja, sua produção estaria voltada para a autossuficiência dos indivíduos e famílias que compõem tais comunidades” (ANTUNES; SOCHODOLAK, 2010, p. 136). Suas práticas são guiadas por uma lógica econômica não mercantilista e substantiva de vida, contrária à racionalidade utilitária, dominante no mundo capitalista moderno.

Nerone (2000) discute, com relação às áreas de plantio, que as primeiras comunidades faxinalenses, serviram-se da prática agrícola de pousio, promovendo o rodízio das áreas destinadas às lavouras, de modo que a mesma tivesse tempo de se recuperar em relação à fertilidade do solo, bem como de possíveis erosões. O pousio era popular nos Faxinais em épocas remotas, pelo fato de que as comunidades tinham a sua disposição extensões de terras devolutas. Contudo, tornou-se inviável seu uso com o avanço da agricultura intensiva dos

latifundiários, que instituíram a redução dos territórios faxinalenses, com a prática da propriedade privada, amparada pelos dispositivos legais da época.

Por sua vez, nos criadouros comunitários, predominam florestas de árvores que fornecem madeira, bem como árvores frutíferas de porte médio e os ervais nativos. A preservação da erva-mate determinou o surgimento das terras de criar nos Faxinais, pois os faxinalenses, que tinham no extrativismo da planta sua principal atividade econômica, perceberam que ao instalar cercas nessas áreas, poderiam explorar as pastagens e as fontes de água com a criação de animais, sem qualquer impacto na produção de erva-mate (TÚLIO, 2004). Silva (2005, p. 36) enfatiza, que “a sustentabilidade social dos criadouros comuns está alicerçada em três pilares, quais sejam: a propriedade da terra, a construção das cercas e a sua manutenção”, cuja essência é a ação coletiva alinhada a princípios de solidariedade e ajuda mútua.

Contudo, apesar do caráter tradicional, Ramos (2009b) pontua que, com as transformações vivenciadas pelos faxinalenses, em muitas comunidades foi adotado o critério de delimitação do número de animais que cada família poderia manter no criadouro comunitário. Decisão tomada de forma coletiva, tendo em vista que, o excesso de animais nessas áreas gerou impactos para vegetação, ameaçando a sobrevivência dos faxinalenses que praticavam a extração da

erva-mate. Prática, que viria afetar a essência dos Faxinais, pois, “para os faxinalenses o mundo é o mundo do Faxinal. No qual se cria o animal solto e coletivamente e onde há uma área fora do criadouro para o plantio da roça. É inconcebível para eles, um espaço rural em que os animais têm que permanecerem fechados” (RAMOS, 2009a, p. 181).

Portanto, o modo de vida comunitário, característico das Comunidades Tradicionais de Faxinais, é representado pela forma de ocupação do espaço e pelos elos de convívio coletivo. Como prática tradicional de vida, representa a cultura de um povo que, mesmo com as transformações da sociedade, busca manter suas tradições e costumes vivos (BERTUSSI, 2008a; NOVAK; FAJARDO, 2008).

#### Desarticulação das comunidades tradicionais de faxinais

Conforme relatam Rupp e Martins (2008), Toledo (2008) e Souza e Seidel (2009), nas últimas décadas, percebe-se, que os Faxinais têm sido alvos de uma série de problemas, considerados pelos faxinalenses ‘abusos’ e ‘desrespeitos’ contra os aspectos culturais e tradicionais de formação do povo, bem como do modo de vida comunitário manifestado. Assim, as Comunidades Tradicionais de Faxinais, que surgiram como um modo de vida no campo, característico da região Sul do Brasil,

atualmente, se encontram restritas a um número limitado de municípios do Paraná (RUPP; MARTINS, 2008; TOLEDO, 2008).

Embora sejam constituídos em princípios e costumes tradicionais de vida comunitária, nas últimas décadas têm experimentado a força do desenvolvimento, agrícola e industrial. Concebido na busca por produtividade, impinge suas fronteiras produtivas para áreas anteriormente ocupadas por comunidades faxinalenses. Destituindo esses povos de seus territórios, bem como promovendo substituição da produção de subsistência pela produção para o mercado (ALBUQUERQUE, 2000), principalmente de fumo, soja, milho e trigo.

Em alguns casos, os conflitos assumem um caráter de 'luta' de fato, de modo que a segurança de membros das comunidades é ameaçada. Certos grupos sofrem com práticas criminosas, como a morte das criações, a destruição das cercas, porteiras e mata-burros (SOUZA; SEIDEL, 2009). Fatores, que implicam não só em prejuízos financeiros, mas, no enfraquecimento social do Faxinal. Diante disso, muitas famílias preferem abandonar esse contexto conturbado e migrar para outras regiões, em que não tenham que lidar, cotidianamente, com situações de embates e desordem.

Enfatiza Túlio (2004) que, o processo de desarticulação dos Faxinais foi potencializado por uma série de episódios históricos, atrelados a perspectivas desenvolvimentistas, que são: i) declínio das atividades comerciais da erva-mate, iniciado por volta de 1920, primeiramente pelo volume de oferta do produto no mercado, em função do número de produtores; em seguida pela baixa qualidade da erva-mate comercializada, que passou a ser misturada com muitas outras ervas, tendo sua qualidade questionada pelo mercado, que deixa de consumi-la; ii) potencialidade das atividades de exploração da madeira, que no início do século XX era farta, levando muitas famílias a obter lucros em curto período de tempo, atraindo o interesse de todos no campo. Contudo, a atividade também deixou de ser atrativa, por fatores óbvios, que seria a devastação das matas, provocando a venda de propriedades rurais como forma de cumprimento dos compromissos assumidos; iii) redução das propriedades rurais, que foram desmembradas em várias pequenas propriedades, para que os filhos pudessem ter direito às suas partes na herança da família. Como as áreas dos Faxinais localizavam-se dentro das propriedades e eram protegidas pelos patriarcas, em função de parcerias firmadas com os colonos, a partilha provocava a desarticulação das comunidades faxinalenses por ser o território coletivo, distribuído como propriedade privada, sob o domínio de um indivíduo, o herdeiro; e iv) o avanço tecnológico das práticas agrícolas, articulado com o desenvolvimento industrial no Brasil, iniciando a agricultura extensiva, baseada na monocultura de produtos destinados ao

mercado consumidor, em sua maioria para exportação, chocando-se com princípios de subsistência, conduzidos pelos povos faxinalenses.

Problemas de natureza fundiária, ligados à regularização, limitação e acumulação de terras, ambientais, em virtude da extinção de recursos naturais, pelo uso indevido ou a aplicação de produtos químicos e de natureza jurídica; o desconhecimento do arcabouço legal acerca do funcionamento dos Faxinais, cujas decisões se chocam com as práticas internas e tradições do grupo, são apresentados por Souza e Bertussi (2005) como alguns fatores ligados ao processo de desagregação das comunidades faxinalenses. Fatores cujos principais prejudicados, como discute Domingues (1999), são os faxinalenses, que embora utilizem a terra de modo comunitário, muitas vezes não detêm a propriedade legal das mesmas, sendo obrigados assim a migrar para outras regiões rurais. Ou, em outras situações, optar pelos centros urbanos, onde nem sempre as situações são as mais adequadas.

## PRESSUPOSTOS E CLASSIFICAÇÃO DO ESTUDO

A reconstrução histórica do movimento de desarticulação das Comunidades Tradicionais de Faxinais, pode ser constatada em um processo histórico mais amplo, dialético e centrado em fatores econômicos, sociais e políticos que



determinaram a passagem de uma Sociedade tradicional para uma Sociedade moderna. Por trás desse processo de desarticulação, persiste um discurso de desenvolvimento, crescimento e progresso, difundido como base para o avanço da Sociedade e a conquista de uma vida 'melhor' e mais 'feliz', que tem provocado o desmantelamento de muitas comunidades tradicionais.

Assim sendo, adotou-se postura histórico-crítica do fenômeno (BOURDÉ; MARTIN, 1983; HOBSBAWM, 1998; MACHADO, 2004), inspirada na compreensão das estruturas sociais que constituem o modo de vida e de produção das Comunidades Tradicionais de Faxinais, demarcado pelas contradições evidenciadas. Além disso, a análise dos fenômenos organizacionais passa a ser direcionada às estruturas sociais, mas sem deixar de considerar as pessoas comuns e suas experiências vividas. Este último ponto é obtido particularmente pelo desvelamento da perspectiva de baixo para cima (LE GOFF, 1998). Assim, preza-se pelos diferentes e complementares questionamentos, direcionados ao indivíduo, ao coletivo e aos acontecimentos e tendências sociais. Estas distintas dimensões são permeadas por uma visão relativa, em que os fatos estão atrelados à percepção dos pesquisadores (BURKE, 1992), da qual decorrem reflexões conceituais que fundamentam a análise.

Burke (2005) aponta que o olhar histórico na pesquisa social permite compreender as sociedades humanas no plural, destacando-se diferenças e mudanças ocorridas ao longo do tempo. Nesse estudo verifica-se que o desenvolvimento histórico dos territórios faxinalenses é marcado por uma série de acontecimentos conflitantes e de transformações internas e externas.

Ainda de acordo com a perspectiva de análise adotada, Hobsbawm (1998) destaca que a compreensão dos padrões e mecanismos da mudança histórica nas sociedades humanas é possível pela concepção materialista da história, conforme apontado por Karl Marx. O autor argumenta que as investigações de historiadores tendiam a ser repletas de relatos inocentes acerca da história, ingenuidade que se manifestava na seleção dos fatos investigados, isolando-os de seus contextos sociais, políticos e econômicos (HOBBSAWM, 1998).

Prezando pela generalização das constatações efetuadas, o que desvaloriza as particularidades de cada contexto social, essa prática de investigação histórica ficou conhecida como história positivista, tendo em vista a crença na possibilidade de se isolar os acontecimentos políticos dos fatos econômicos, sociais e culturais, em que se encontra imersa a Sociedade (HOBBSAWM, 1998; LE GOFF, 1998). Abordagem que, embora tenha encontrado defensores e seguidores no meio acadêmico, foi duramente questionada pelo materialismo histórico (BOURDÉ;

MARTIN, 1983), por desconsiderar conflitos e contradições como mecanismos relevantes para compreensão da realidade.

O contexto histórico se torna relevante na medida em que, nas comunidades faxinalenses, têm sido reproduzidos, ainda que nos últimos anos de forma limitada, princípios de convívio que não primam pela competitividade e sim pela cooperação e ajuda mútua. Além disso, caracteristicamente a propriedade não é percebida como elemento de sucesso e diferenciação e se assume o uso do território, físico e simbólico, de forma igualitária. Assim, em função de sua proposta, o estudo pode ser classificado como de caráter qualitativo. Optou-se pela adoção de técnicas de coleta e análise de dados que tem como meta gerar resultados a partir de significados contidos no fenômeno estudado, sem a manifestação de preocupações com a frequência que se repetem no contexto, conforme sugere Neuman (1997).

Sob o ponto de vista explicativo, um dos pressupostos analíticos foi a contradição decorrente da relação entre a lógica característica das Comunidades Tradicionais de Faxinais, e a lógica decorrente da Sociedade de Mercado. Neste ponto, Saunders, Lewis e Thornhill (2000) destacam que as pesquisas de cunho explicativo possuem por natureza o objetivo de determinar, pelo confronto de

temáticas, fatores ou causas que influenciam a manifestação de determinados fenômenos.

Por fim, conforme destacado por Del Priore (1997, p. 379), “através da arqueologia o historiador se veria compelido a estudar a cultura material e os vestígios de práticas capazes de lhe explicar a vida diária das populações”. Assim, na investigação das comunidades faxinalenses, optou-se por levantar os dados por meio de artefatos materiais, documentos públicos, relatos históricos escritos, entrevistas, registros físicos de acontecimentos, bem como vídeos, práticas de convívio comunitário, distribuição e organização das atividades cotidianas, além de conhecimentos atrelados às atividades de agricultura e pecuária.

### Procedimentos de coleta e análise de dados

O estudo iniciou-se com levantamento e organização de material documental. Nessa primeira etapa, o foco foi a busca de registros históricos que representariam potenciais fontes de informações sobre os processos em análise. Assim, foi encontrado e organizado um *corpus* de material documental referente, direta ou indiretamente, às Comunidades Tradicionais de Faxinais, composto por 195 documentos (24 sobre comunidades tradicionais e Faxinais; 33 reportagens de jornais; 41 leis, resoluções, decretos, portarias e normativas; e 97 relatórios,

regulamentos e mensagens do governo) e 15 materiais audiovisuais (7 documentários de eventos; 2 reportagens de televisão; e 6 documentários diversos).

Após leitura e avaliação do conteúdo foram selecionados materiais que correspondiam aos interesses do estudo, formando a composição final: 101 documentos (16 sobre comunidades tradicionais e Faxinais; 13 reportagens de jornais; 21 leis, resoluções, decretos, portarias e normativas; e 51 relatórios, regulamentos e mensagens do governo) e 10 materiais audiovisuais (5 documentários de eventos; 2 reportagens de televisão; e 3 documentários diversos). O corte de uma série de documentos se deve ao fato de que embora os títulos representassem relação com o tema (Comunidades, Comunidades Tradicionais, Sistemas Faxinais, Agricultura e Pecuária e Suinocultura), na leitura foi possível perceber que o conteúdo não tinha essa correspondência, tornando o documento não aplicável ao estudo.

A busca por registros históricos foi realizada em fontes documentais, impressas e audiovisuais, como monografias, jornais, revistas, relatórios de levantamentos sociológicos, relatos de expedições, documentos legais Federais, Estaduais e Municipais, atas de reuniões de organizações comunitárias e instituições públicas, áudios de reuniões, áudios de entrevistas, documentários e vídeos. Parte do

material encontrado foi registrada por meio digital (máquina fotográfica), de fotocópia dos originais, a partir de *download* de arquivos em *word* e *pdf*, e o restante do material encontra-se em versão original.

O passo seguinte consistiu em conduzir entrevistas com atores sociais que pudessem fornecer informações relevantes acerca do cotidiano das Comunidades Tradicionais de Faxinais. As entrevistas, pelo uso da técnica de história oral, foram empreendidas focando diferentes sujeitos de pesquisa. Assim, no estudo foram utilizadas quinze entrevistas, quatorze realizadas pelos próprios pesquisadores e uma cedida pelo entrevistado. A composição final das entrevistas foi: 12 faxinalenses; e 3 agentes públicos. As entrevistas foram realizadas no período entre maio e agosto de 2014. Os depoentes faxinalenses, a partir do segundo, foram selecionados pela técnica de bola de neve, com base nas indicações do primeiro entrevistado, também faxinalense. A escolha do primeiro entrevistado se deu a partir de um encontro num evento em 2013. No caso dos agentes públicos a seleção se deu por conveniência, a partir de visitas às instituições.

Por fim, após a organização do *corpus* de pesquisa – 15 entrevistas, 101 documentos e 10 materiais audiovisuais – procedeu-se à construção das temáticas do estudo. Inicialmente, na leitura foram sendo levantados os temas emergentes do

conteúdo, que correspondem às Temáticas Primárias. Ao final do processo foram encontradas 350 Temáticas Primárias, compostas por 120 temas emergentes nas entrevistas, 158 nos documentos e 72 no material audiovisual. Os temas emergentes, correspondem a trechos de frases ou frases inteiras do corpus de pesquisa, extirpados sem qualquer critério de organização ou categorização, mas escolhidos por expressar aspectos ligados ao objetivo do estudo.

As 350 Temáticas Primárias passaram por codificação, agrupadas de acordo com os assuntos aos quais estavam relacionadas, apontando 16 Temáticas Intermediárias: (a) Transformações na agricultura e pecuária (24<sup>1</sup>); (b) Cercamentos e Redução dos Territórios (14); (c) Invasão dos Territórios (7); (d) Problemas de Vizinhança (4); (e) Mobilização e Reação Coletiva (24); (f) Necessidades e Demandas para Proteção e Manutenção das Comunidades (24); (g) Problemas Ligados à Questão Territorial (5); (h) Princípios, Valores e Práticas Tradicionais (52); (i) Problemas Ligados à Questão Ambiental (10); (j) Desestruturação do Modo de Vida Tradicional (33); (k) Criação de Porcos à Solta e Lógica de Não Propriedade (14); (l) Barreiras à Manutenção da Criação de Porcos à Solta (30); (m) Problemas Ligados à Questão Política (21); (n) Problemas Ligados à Questão Legal (12); (o)

---

<sup>1</sup> Os números aqui apresentados entre parênteses indicam quantas Temáticas Primárias formam cada uma das Temáticas Intermediárias.

Propostas Governamentais e Políticas Públicas (60); e (p) Enfraquecimento da Cultura Tradicional (16).

Finalmente, as 16 Temáticas Intermediárias foram organizadas por similaridade, formando seis grupos, que receberam uma nova denominação, constituindo as 6 Temáticas Finais, que são: I. Uso do Território, Ação Coletiva e Lógica de Produção para Subsistência (2/66<sup>2</sup>); II. Contradições e Desafios no Cotidiano Comunitário (4/48); III. Substituição da Prática de Subsistência pela Produção para o Mercado (2/84); IV. Desagregação dos Criadouros Comunitários e da Prática de Criação à Solta (4/55); V. Ameaças à Identidade Coletiva (2/49); e VI. Organização e Representação dos Povos de Faxinais (2/48).

Os dados coletados foram analisados por meio da interpretação das percepções dos diferentes atores sociais considerados no estudo, a partir da técnica de análise de discurso. Neste sentido, buscando organizar o *corpus* de pesquisa foi adotada a técnica de Mapa de Associação de Ideias, conforme sugerem Spink e Lima (2000; 2013). A técnica foi operacionalizada a partir de planilhas, cruzando colunas e linhas. Os seis Mapas de Associação de Ideias serviram de base para a análise de dados, atrelada à perspectiva de interpretação social dos discursos.

---

<sup>2</sup> Os números entre parênteses nas Temáticas Finais correspondem respectivamente ao número de Temáticas Intermediárias e Primárias que as compõem.

FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

Nesse sentido, conforme delimitado por Godoi (2010, p. 382), “o que se trata de organizar é a reconstrução dos sentidos dos discursos em sua situação – micro e macrossocial – de enunciação”. Não representa uma busca pela contabilização dos termos e sim de seus significados no decorrer do discurso (GODOI, 2010).

Portanto, a análise social do discurso contido no *corpus* de pesquisa visando compreender a realidade vivida pelas Comunidades Tradicionais de Faxinais foi conduzida tendo como elementos balizadores, os critérios apresentados no Quadro 1.

Quadro 1: Definição de critérios para a análise do discurso

Critérios	Elementos Caracterizadores
Expressão linguística	Prática social dotada de intencionalidade; forma como o indivíduo captura, interpreta e expressa a realidade na qual está inserido, conferindo significado ao seu papel e dos demais envolvidos.
Expressão de poder	Manifestação de atos sociais, delimitados por conflitos de interesses, que têm como propósito central o abuso de poder, a busca de dominação, a prática do controle, a ação de intimidação social, a promoção de desigualdades, além de discriminação, marginalização e exclusão social.
Conteúdo historicamente circunscrito	Contexto social e momento histórico no qual os sujeitos, historicamente constituídos, estão inseridos, tendo como condicionantes crenças, rituais, princípios, valores e artefatos culturalmente compartilhados.
Representação de pessoas e/ou grupos	Ação prática do sujeito, individual ou coletivo, endereçada a outros, que retrata interesses e polaridades a partir de posicionamentos nas múltiplas interações sociais em que esteja inserido, envolvendo determinados episódios constituintes da realidade.

Fonte: Construído pelos autores a partir de Spink e Gimenes (1994), Spink e Menegon (2013), Iñiguez (2004), Godoi (2008; 2010), Heracleous (2006), Spink e Frezza (2013), Spink e Medrado (2013).

Nesse sentido, modo de vida, forma de organização e práticas de produção das Comunidades Tradicionais de Faxinais, embora representantes de uma identidade local singular, inserem-se numa rede de relações sociais, políticas e econômicas, ampla, a Sociedade de Mercado. Formam um contexto social dinâmico em que a integração de crenças, costumes, contradições e transformações representam elemento central na interpretação social dessa realidade.

Como qualquer outro trabalho de caráter científico, este estudo não representa o esgotamento das discussões acerca da tensão entre racionalidade substantiva e instrumental no cotidiano das Comunidades Tradicionais de Faxinais. Embora possam ser percebidas limitações relacionadas ao fenômeno investigado e ao enfoque de pesquisa adotado, busca elucidar formas de minimizar tais limites.

As limitações quanto ao estudo histórico de fenômenos sociais dizem respeito à possibilidade de inexistência de fontes de dados relevantes. No caso dos Sistemas Faxinais esse fator se apresentou como um agravante, tendo em vista que os registros, embora existam em volume representativo, datam de período recente, a partir de 1980, e não possuem continuidade. São relatos, descrições, levantamentos ou diagnósticos de comunidades faxinalenses construídos individualmente e correspondem a momentos específicos da história desses grupos.

Percebeu-se ainda que documentos refletem a percepção de seus autores acerca de diferentes fatos, desconsiderando-se a complexidade do cotidiano histórico dos Faxinais. Nesse sentido, para minimizar os efeitos de tal limitação, foi conduzida a triangulação de fontes e de dados. Entende-se que esse procedimento contribuiu para elucidar possíveis aspectos contraditórios obtidos numa determinada fonte, resguardando a confiabilidade dos resultados.

### A PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO NO COTIDIANO FAXINALENSE: O DISCURSO DA PROPRIEDADE PRIVADA E DA EFICIÊNCIA PRODUTIVA

O embate constante entre o modo de vida tradicional e os propósitos desenvolvimentistas de atores públicos e privados, que marca a substituição da prática de subsistência pela produção para o mercado, é entendido como um elemento que reforça as contradições vivenciadas pelos faxinalenses. De forma complementar, fatores que impõem a desagregação dos criadouros comunitários e da prática de criação de porcos à solta, ligados aos conflitos com chacreiros e aos conflitos entre os próprios faxinalenses, além da desconstrução territorial, constituem um dos polos da tensão referente ao acesso e ao uso dos territórios comunitários.

A dinâmica de conflitos que passaram a ser comuns no dia a dia das comunidades faxinalenses nos últimos anos, de acordo com o discurso manifestado no *corpus* de pesquisa, pode ser delimitada como problema ligado às questões políticas, legais, ambientais e territoriais. Na trajetória histórica das comunidades faxinalenses essas incoerências têm se revelado em momentos distintos, apresentando ações individuais ou integradas.

Contudo, não podem ser considerados fatos isolados ou recentes no contexto dos Faxinais. Representam desdobramentos de um processo histórico de construção imerso em ações municipais, estaduais e federais, envolvendo não só os interesses de atores e instituições públicas, como também os propósitos de agentes privados e, ainda que em menor dimensão, dos próprios faxinalenses.

Nesse sentido, faxinalenses interessados em promover a continuidade de suas práticas de criação de porcos à solta e de produção para a subsistência veem-se limitados pelas ações corrosivas de atores sociais interessados em mercantilizar o uso atribuído aos territórios comunitários. Assim sendo, reconhecer a existência de um processo de substituição da prática de subsistência pela lógica de produção para o mercado implica em admitir a manifestação de um movimento de transformação cultural dos faxinalenses.

A ocorrência dessa mudança pode ser atribuída às ações dominantes provenientes das relações econômicas constituintes da Sociedade de Mercado. Trata-se de um contexto marcado pela hegemonia de um sistema segregador que, além de determinar as atividades prioritárias e essenciais para sua consolidação e expansão, tem condicionado o comportamento dos sujeitos inseridos nessas atividades. Evidências que corroboram com as discussões de Guerreiro Ramos (1989), Hobsbawm (1996) e Polanyi (2000), ao apontarem para a existência de um sistema de mercado na Sociedade promovido como hegemônico. Como por anos o interesse de representantes do sistema dominante foram os centros urbanos, pode-se inferir que a identidade coletiva dos faxinalenses manteve-se ativa ainda pelo distanciamento físico dos Faxinais, localizados em áreas rurais. Nesse sentido, relações condicionadas a interesses econômicos não se aproximavam dos contextos tradicionais das comunidades faxinalenses e suas atividades de subsistência mantinham-se ativas, delimitadas pelos limites dos territórios comunitários. Aspectos que reforçam os apontamentos de Guerreiro Ramos (1989), Polanyi (2000), Little (2002) e Santos (2007), acerca da relevância dos limites geográficos de uma comunidade para a manutenção e proteção de suas práticas.

Assim, a ação dos faxinalenses para além dos limites territoriais ou a aproximação da lógica de mercado ao contexto comunitário teria contribuído

para a inversão de valores tradicionais nos Faxinais, transformando seus produtos de subsistência em mercadorias. Nesse contexto se manifesta o enfraquecimento dos laços sociais de solidariedade e de compartilhamento entre os faxinalenses.

Embora reproduzidos nos territórios faxinalenses a partir das atividades de manutenção da comunidade, nas lavouras, na criação de animais à solta, nas relações sociais de festividades, de comemorações e religiosas, esses elos têm sofrido um processo de desarticulação, conforme pode ser percebido no conteúdo das narrativas. Realidade que se aproxima às investigações evidenciadas por Souza (2011), Rodrigues, Almeida e Farias Filho (2012) e Grzebieluka (2012), ao apontarem que a imposição de interesses utilitaristas ao contexto das comunidades faxinalenses provoca um embate constante entre o modo de vida tradicional e os propósitos de exploração e acumulação oriundos da Sociedade de Mercado.

De acordo com evidências do discurso, esse processo se materializa nas transformações da agricultura e da pecuária no Paraná, com o surgimento do agronegócio e com a expansão da monocultura de grãos. A modernização de práticas no meio rural, num primeiro momento, afetaria os faxinalenses por chocar-se com a lógica tradicional das comunidades. Em segundo plano, por

FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

promover uma invasão dos territórios faxinalenses, destinados à manutenção das criações de porcos à solta de forma comunitária, fatores evidenciados nos trechos a seguir:

Quando começou a mudar o sistema da nossa agricultura, começou a 'vim' aí maquinário, começou a 'vim' aí tecnologia. A coisa mudou tanto que o sistema, muitas granjas foram construídas dentro, dessas granjas de frango, foram construídas dentro 'desses Faxinal', onde não era permitida a criação solta. Já não pode mais criar galinha caipira, não pode mais ter o porco perto da granja, e devido 'às exigência' sanitárias tudo isso foi se modificando, né, nova tecnologia e sistema de criação integrada. (Faxinalense A/Mapa 3)

Eles querem fazer o tal do desenvolvimento. Em certas regiões o monocultivo da soja, milho e eucalipto 'tá' sufocando os faxinais. Na própria produção do agronegócio, com o uso intensivo do agrotóxico, de transgênicos, que eles 'tão' vendo que a transgeniase já não era aquilo que 'eles apregoava', que tinha na questão da soja, uma que já era resistente à lagarta e que hoje já 'tá' acontecendo de danos da lagarta na lavoura. (Faxinalense B/Mapa 3)

Com a modernização da agricultura, os faxinais começaram a se descaracterizar e houve desmatamento da cobertura florestal para introdução de monoculturas. (Reportagem "Faxinais ganham status ambiental"/Mapa 3)



Destruição dos faxinais a partir do modelo de agricultura convencional denominado agronegócio, com grande impacto negativo no modo de uso e de vida das comunidades faxinalenses. (Documento “Cartilha de mobilização popular do 1 Encontro dos Povos dos Faxinais”/Mapa 3)

Há muitos anos nosso modo de vida está ameaçado. Estamos sendo forçados a assumir um tipo de agricultura que acaba prejudicando nossos criadouros comunitários, destruindo nosso modo de vida. Esse tipo de agricultura chamada de moderna invadiu nossas comunidades e atropelou nossos costumes e tradições, essa agricultura recebe o nome de agronegócio. É representada pelo fumo, pela soja, pelo pinus e também pela tecnologia dos venenos, dos adubos químicos e transgênicos. quando o agronegócio entra na nossa comunidade, muda nossa tradição, nossos hábitos, nosso jeito de ser e principalmente nossa relação com a terra. (Vídeo “1º Encontro dos povos dos Faxinais”/Mapa 3)

Porque hoje, se você chegar num Faxinal, tem bastante gente que é contra porque é uma área muito boa, uma área de produção excelente que muitos deles deixam de produzir em terras férteis que é os faxinais e vão produzir em morros, beiradas e áreas com declive bem acentuado deixando a área plana do Faxinal parada, sem uso, sendo que essa área já foi ‘visto’ até pelo IAP que essa área do Faxinal é bem produtiva. (Agente Público C/Mapa 3)

O discurso revela que as Comunidades Tradicionais de Faxinais vivenciam um contexto marcado por contradições e desafios decorrentes do processo de modernização da agricultura paranaense. Fatores percebidos como ameaça na medida em que coloca em risco a manutenção do modo de vida tradicional dos faxinalenses. Geram desacordos ao se chocar com os elementos culturais que regem a forma de organização e manutenção do território coletivo, bem como com a lógica de produção para subsistência. Esta última, muitas vezes substituída por uma lógica de produção utilitarista, tem nas relações comerciais a inspiração para a condução das atividades.

No conteúdo das narrativas é possível entender ainda como os faxinalenses percebem, interpretam e expressam a realidade vivenciada por eles em relação aos territórios tradicionais. Ao relatarem as incoerências impostas por técnicas e práticas modernas de agricultura assumem nitidamente uma postura contrária àqueles atores sociais que defendem a necessidade de mudanças no meio rural.

Mudanças muitas vezes retratadas como símbolo de crescimento, progresso e prosperidade, que conduziriam as Comunidades Tradicionais de Faxinais a uma qualidade de vida diferenciada, que dificilmente seria alcançada mantendo-se arraigadas a princípios de organização e manutenção do cotidiano comunitário, entendidos como atrasados. Tal visão reforça as ponderações de Schumacher

(1977), Hobsbawm (1996), Sachs (1998), Polanyi (2000) e Santos (2010), quando em seus apontamentos teóricos se dedicaram à reflexão da construção e da promoção da ideologia e das falácias do discurso de desenvolvimento.

Essas transformações podem ser compreendidas, em função dos pressupostos aos quais estão alinhadas, como determinantes para o abandono de conhecimentos e práticas tradicionalmente reproduzidos nas comunidades faxinalenses pelo fato de passarem a ser percebidos como barreiras à consecução dos propósitos de desenvolvimento agrário e, conseqüentemente, econômico de municípios e estados, bem como do país.

Por outro lado, indicam a manifestação de um discurso em defesa da modernização da agricultura e da pecuária, concebido em alinhamento com as ideias de eficiência produtiva, decorrente da lógica economicista presente nos princípios difundidos pela Sociedade de Mercado. Discurso cuja intenção corrobora com as reflexões de Guerreiro Ramos (1989) e Santos (2010), e ainda com os resultados dos estudos de Hauresko (2005) e Barreto (2008), delimitando o interesse de fortalecimento do poder financeiro de instituições privadas e de agentes públicos.

Nesse sentido, pode-se apontar que as Comunidades Tradicionais de Faxinais, nos últimos anos, estão imersas num processo de consolidação dos pressupostos de gestão, até então limitados ao contexto das organizações formais atuantes nos centros urbanos, ícones do sistema de produção capitalista. O campo, que sofreu com o surgimento das fábricas, passou por um processo de desagregação no qual tornou-se fornecedor de mão de obra e de matéria-prima para a transformação de produtos manufaturados, sendo saqueado pela expansão dos propósitos de desenvolvimento e progresso.

Propósitos que embora estejam sendo difundidos no meio rural estariam a serviço de empresas capitalistas modernas, dominantes numa dimensão ampla dos setores econômicos. Instituições que perceberam na dinâmica camponesa a possibilidade de elevar seus resultados financeiros e sua representativa no mercado consumidor. Nesse contexto, o discurso transparece que as Comunidades Tradicionais de Faxinais são compreendidas como atrativos para a consolidação dos propósitos utilitaristas de empresas e governos, pelo potencial produtivo do território dos criadouros comunitários.

Portanto, são desconsiderados os fatores de finitude da biodiversidade, bem como a capacidade de regeneração. Florestas, terras, nascentes e rios nos criadouros comunitários seriam apropriados de forma indiscriminada pelo homem que

promove técnicas contemporâneas de agricultura e pecuária divergentes das atividades tradicionais conduzidas pelos faxinalenses, cujos conhecimentos e práticas prezam pelo respeito à natureza, tendo o uso limitado às necessidades de sobrevivência das famílias faxinalenses.

Nesse sentido, evidencia-se a contraposição entre os interesses promovidos pelos faxinalenses e aqueles propósitos defendidos pelos condutores do processo de transformação da agricultura e da pecuária. Modernização que encontra sustentação num discurso do poder público que revela propostas governamentais e políticas públicas alinhadas à busca do crescimento econômico. Nesse sentido, evidências retratam um processo histórico adotado pelo estado do Paraná em consonância com os pressupostos de planejamento do país, que teria aderido, assim como muitas outras nações, a uma ideologia desenvolvimentista que entende o processo de industrialização e o avanço tecnológico como fatores essenciais para o progresso e o crescimento de uma população. Ideologia já apontada por Santos (2008; 2010), como um fator segregador na sociedade.

Concomitantemente, reforçando as ponderações de Polanyi (2000), os discursos muitas vezes são conduzidos por grupos, representados pelos detentores de capital ou por seus seguidores, de maneira dissimulada, com o intuito de conquistar o apoio da maioria da população, que ao ser convencida incorpora os

elementos caracterizadores dessa ideologia em seu cotidiano, modificando seu comportamento social e suas práticas diárias. Mudanças que no caso das comunidades faxinalenses provocam a fragmentação da identidade coletiva fundamental para a manutenção das relações de convívio social. Tais aspectos podem ser percebidos nos relatos apresentados a seguir:

Se por um lado apenas uma política de industrialização pode garantir a mesma taxa de crescimento que o café proporcionou, as potencialidades da agricultura paranaense, hoje o terceiro estado agrícola do Brasil aponta o caminho para um planejamento objetivo de seu aproveitamento. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 1963"/Mapa 3)

A expansão da agropecuária paranaense se deve, basicamente, ao esforço da iniciativa privada, que sempre tem correspondido, com sua nunca desmentida compreensão e apoio ao programas traçados e executados pelo governo. O fomento a cultura da soja foi uma das campanhas injetadas em 1969, com a colaboração da iniciativa privada, visando ao aproveitamento sempre maior das potencialidades da produção paranaense. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 1970"/Mapa 3)

A partir da constatação de que se esgotou o limite material possível para a expansão agropecuária no território paranaense só resta ao estado a

alternativa de intensificar medidas que contemplem o aumento da produtividade agrícola, mediante a integração cada vez maior das ações do poder público com as iniciativas do setor privado. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 1989"/Mapa 3)

Implementação de estratégias para assegurar a competitividade dos produtores rurais paranaenses frente às novas imposições do mercado. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 1996"/Mapa 3)

Programa Desenvolvimento do Agronegócio, o Governo do Estado busca garantir o aumento da renda do pequeno e do médio produtor por meio de uma agricultura mais forte e competitiva. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 2003"/Mapa 3)

Mostra o esforço realizado pelo governo para dotar o Estado da infraestrutura necessária ao seu desenvolvimento. Foram aprovados durante o ano 76 projetos de financiamento de empresas industriais. (Documento "Relatório de gestão FDE e CODEPAR de 1964"/Mapa 3)

O apoio financeiro da companhia está ativando crescentemente o processo de industrialização do Paraná. Todos os obstáculos que freavam o desenvolvimento da economia industrial do estado estão sendo paulatinamente superados. (Documento "Relatório do Fundo de Desenvolvimento Econômico FDE de 1965"/Mapa 3)

As propostas de modernização não se restringem à agricultura. As atividades de pecuária também constituem interesse dos promotores de ações integradas ao desenvolvimento econômico do Paraná. Assim, ameaças à prática de criação de porcos à solta de forma comunitária nas Comunidades Tradicionais de Faxinais tornam-se evidentes no discurso histórico de modernização e industrialização proveniente de representantes públicos.

Pelas narrativas é possível perceber ainda a manifestação de certa discriminação do estado com relação às práticas tradicionais realizadas no meio rural, desrespeitando elementos culturais históricos das diferentes comunidades tradicionais que têm nos costumes e na sabedoria popular o significado atribuído às suas práticas. Por meio desse discurso atores sociais contrários atribuem à manutenção da produção extensiva as dificuldades de comercialização da carne e dos derivados da suinocultura.

Do mesmo modo, historicamente têm defendido a necessidade de mudanças na forma como se realiza a suinocultura no estado, com o intuito de atribuir padrões de qualidade diferenciados aos produtos decorrentes dessa atividade. Demonstram ainda o interesse em elevar a capacidade produtiva dos rebanhos, possibilitando atender não somente ao mercado local, mas inserir a produção no

mercado consumidor em todo o território brasileiro e ainda no exterior, por meio de relações comerciais de exportação.

Os conteúdos do discurso edificam a expressão de poder do estado sob as demais instâncias sociais, econômicas e políticas com a proposição de mecanismos e instrumentos de controle das atividades ligadas à suinocultura que, conseqüentemente, estão atrelados à criação de porcos à solta nos Faxinais. Procedimentos ligados à produção, ao transporte, ao abate e à comercialização focam a qualidade do rebanho com relação ao controle de doenças.

Contudo, colocando de lado a ingenuidade e a crença na 'boa' intenção dos atores públicos, é admissível inferir que o interesse do poder público não está atrelado à manutenção de produtos de qualidade para o consumo humano, ação que estaria inserida em uma lógica substantiva. Visam, integrados a uma racionalidade instrumental guiada por um sentido utilitarista, ao atendimento de normas padrões de comercialização internacional, permitindo que produtos provenientes da suinocultura possam ser inspecionados e aprovados para a exportação, elevando os resultados financeiros do governo.

Esse discurso não pode ser percebido como isolado no tempo e no espaço. Para sua compreensão é necessário refletir que seus elementos caracterizadores

conjeturam pressupostos que foram construídos historicamente. Conteúdos imersos em um movimento de transformações econômicas que compõem o plano de desenvolvimento nacional. Trata-se de uma proposta influenciada por uma ideologia hegemônica que, levou estados a assumirem medidas de caráter social, político e econômico, destinadas à concretização das propostas de industrialização, processo que num primeiro momento reproduziu-se nos centros urbanos e, posteriormente, em decorrência da amplitude de suas ações, foi expandido para o meio rural. Portanto, o discurso reflete uma prática social dotada de intencionalidade, destinada a garantir o retorno crescente e contínuo do capital aplicado nas atividades produtivas.

O discurso congrega em si ainda a capacidade de aderência e transmissão, uma vez que, no caso das instituições públicas, os atores sociais envolvidos mantêm uma mesma expressão ideológica acerca da representação da realidade, independente de quem esteja ocupando o papel de representante. Apresenta o poder de dominação e controle, aglutinando atores sociais que ao incorporarem os princípios hegemônicos promovem a readaptação de seus comportamentos para a reprodução e consolidação dos interesses utilitaristas dos detentores de capital na Sociedade de Mercado.

Desse modo, as evidências reforçam as reflexões de Guerreiro Ramos (1989) acerca da subjetividade do ser humano sendo controlada por mecanismos condicionados aos interesses utilitaristas da racionalidade instrumental, central na Sociedade de Mercado. Fatores que se tornam recorrentes e dominantes na medida em que, como discutido por Polanyi (2000) e Santos (2007; 2008; 2010), o poder público se rende aos ditames impostos pelos detentores de capital, condicionando os interesses coletivos aos propósitos individualistas, o que implica na supremacia de um planejamento social e econômico cada vez mais formal, burocrático e generalizado, e na desconsideração das especificidades culturais, sociais e ambientais de diferentes povos.

Nessa dinâmica as Comunidades Tradicionais de Faxinais que se posicionam contrárias aos pressupostos desenvolvimentistas e assumem a prática de criação de porcos à solta de forma coletiva como uma atividade de subsistência, veem-se imersas num contexto social de contradições. Condição que emerge como uma evidência da existência de fatores que têm potencializado dificuldades para a continuidade dessa atividade que simboliza a singularidade dos Faxinais no Paraná. Tais elementos podem ser constatados nos trechos a seguir:

FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

Hoje nós não temos nem galinha caipira, por causa lá da granja não pode ter, porque diz que leva doença. Eles estão muito exigentes, querem muita coisa para fazer. (Faxinalense E/Mapa 3)

Foi iniciada a renovação do plantel suíno do estado, com a aquisição de 350 reprodutores. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 1962"/Mapa 3)

Foram incorporados ao rebanho suíno do Paraná através de um plano de venda, com vantagens aos criadores, 420 animais das raças Duroc-Jersey, Wessex e Landrace, produzidos pelos plantéis próprios da secretaria de agricultura. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 1964"/Mapa 3)

Projeto Piloto de Desenvolvimento da Suinocultura – Micro Região 21. A proposta assegura fundos para o apoio financeiro da atividade agropecuária de 142 suinocultores, os quais se constituem nos mais evoluídos da região eleita para aplicação do programa. O projeto prevê a melhoria do sistema produtivo, estabelecimento de propriedades modelo e elevação qualitativa dos padrões genéticos de rebanho suíno. (Documento "Projeto suinocultura: microrregiões 21"/Mapa 3)

Cumprir considerar o aspecto qualitativo desse rebanho, o qual ainda é bastante inferior aos padrões técnicos desejados, em virtude das más condições genéticas, manejo deficiente e baixo nível tecnológico adotado



no processo criatório. (Documento "Projeto suinocultura: microrregiões 21"/Mapa 3)

Substituir as técnicas de criação de suínos de extensiva por intensiva em todo o estado. Substituir o rebanho tipo banha por tipo carne. Implantar mercados de animais vivos para dar maior fluidez à comercialização, sob a forma de cooperativas distribuídas em todo o Estado. (Documento "Plano de Desenvolvimento do Paraná: SAGMACS"/Mapa 3)

Suinocultores com a adoção das alternativas e métodos estudados pelos pesquisadores poderão reduzir o custo de produção e aumentar a rentabilidade da atividade mediante tais tecnologias. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 1981"/Mapa 3)

A qualidade sanitária dos produtos de origem animal que são consumidos motivou a criação do Serviço de Inspeção do Paraná, que visa a estimular a criação de abatedouros municipais, ampliando o controle sanitário de produtos pecuários ofertados à população. (Documento "Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado 1988"/Mapa 3)

A comercialização no Território Nacional de suídeos destinados à reprodução, bem como a sua participação em exposições, feiras e leilões, somente será permitida àqueles procedentes de granjas de reprodutores de suídeos certificadas. (Documento "Instrução Normativa

n. 35, 2001 Normas a serem observadas para a certificação de granjas"/Mapa 3)

Portanto, o discurso manifesta o claro interesse do estado pela maior eficiência produtiva das atividades ligadas à suinocultura no Paraná. Interesse conduzido por uma lógica econômica em que as ações são definidas a partir de um cálculo utilitário de consequências, corroborando com as reflexões propostas por Weber (2009). Lógica que se agrava na medida em que passa a ser entendida como um padrão de ação na sociedade, invadindo diferentes contextos sociais e provocando a inversão da lógica compartilhada pelos indivíduos de determinado grupo, convergindo com as discussões teóricas de Guerreiro Ramos (1989).

Desse modo, nas comunidades faxinalenses, percebe-se que a imposição dos princípios utilitaristas decorrentes da Sociedade de Mercado tem determinado o abandono das especificidades culturais que historicamente constituíram uma identidade coletiva própria. A subjetividade dos faxinalenses, atrelada aos costumes, crenças e valores sociais choca-se com as características de um contexto moderno, dominado por relações comerciais e pela ação individual do sujeito.

Assim, a realidade política vivenciada pelos faxinalenses é resultado de um processo histórico de invasão das instituições públicas pelo capital. Contexto em que interesses econômicos de agentes privados paulatinamente substituíram valores humanos no papel de agentes condutores das políticas públicas, promovendo a expansão de ações econômicas, guiadas por comportamentos utilitaristas, o que corresponderia ao financiamento do estado por organizações privadas, que requerem posteriormente o retorno do investimento.

Portanto, a transformação do modo de vida tradicional nas comunidades faxinalenses é reforçada ainda por uma série de contradições e desacordos vivenciados pelos faxinalenses. Conflitos que representam tanto o distanciamento e o não reconhecimento do poder público e da sociedade em geral, com relação à identidade coletiva dos Faxinais, como o desrespeito dos dispositivos legais vigentes.

Diferentemente do que teriam apontado Toledo (2008) e Souza (2009a), problemas ligados a questões políticas, legais, ambientais e territoriais não podem ser atribuídos exclusivamente ao desconhecimento de agentes externos sobre a existência e as especificidades das comunidades faxinalenses. Pelo contrário, as evidências contidas nas narrativas indicam uma ação consciente de diferentes atores sociais, que desconsiderando as particularidades culturais dos Faxinais,

FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

têm provocado à fragmentação de um modo tradicional de vida comunitária histórico no Paraná. Tais ações vêm impondo o abandono das práticas tradicionais de subsistência e a adoção de uma lógica que tem o mercado como sistema determinante das atividades produtivas e das relações e do convívio social no interior das comunidades faxinalenses, conforme os fatores descritos nos trechos a seguir:

A prefeitura não tem qualquer ligação com os Faxinais, nada é feito, nenhuma atividade. São feitos os licenciamentos ambientais e atividades ligadas a liberações e fiscalizações, nada mais que isso. (Agente Público B/Mapa 2)

Poder público fica assim, em cima do muro. Porque o eleitor, aquele que quer o Faxinal, é o mesmo voto daquele que não quer. Então o poder público tem ficado ausente. (Faxinalense A/Mapa 2)

Um sistema assim, que nunca houve reconhecimento jurídico por parte dos poderes públicos. Quando não tem esse conhecimento, obviamente que não tem política pública, nunca houve política pública específica pra nós. Sempre 'nós tinha' que nos enquadrar nos pacotes agrícolas dos atuais governos e que muitas vezes não vinha de encontro com o nosso jeito de lidar na terra com a natureza. (Faxinalense J/Mapa 2)

Até mesmo a questão do desmatamento, até mesmo aqui dentro, porque com o pouco território que tem foi tirado muita madeira aqui. (Faxinalense C/Mapa 2)

Mas uma questão que eu tenho colocado é porque talvez seja região metropolitana, né. A ideia de quem faz parte do poder público é urbanizar tudo, né, ou fazer loteamentos, ou fazer indústrias. Eles não levam em conta 'aquele' que é a prática da comunidade, e pra questão do desenvolvimento não precisa trazer pra cá grandes indústrias, ou loteamentos. Se você tiver uma política pública de amparo, né, de apoio, o próprio modo de vida pode desenvolver e gerar mais renda para as famílias. (Faxinalense B/Mapa 2)

Como não há leis que preservem o sistema, as comunidades estão se extinguindo. (Reportagem "Faxinais em risco de extinção"/Mapa 2)

A inclusão dos faxinais na pioneira Lei do ICMS Ecológico, em 1997, culminou por impor uma visão de que o importante era a mata e não o modo de produção. (Reportagem "Definindo os faxinais e introduzindo o assunto"/Mapa 2)

Vocês têm que ficar atentos às mudanças do Novo Código Floresta. 'Atinge' diretamente vocês essas mudanças do Novo Código Florestal. E aí tem um dispositivo no Novo Código Florestal que é a compensação de áreas. Quer dizer, o Agronegócio pode desmatar lá no Noroeste do Estado, Maringá, Querência lá em Londrina e aí ele pode comprar áreas aqui



FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

em Pinhão, onde tem bastante área de cobertura vegetal. Isso vai gerar uma desagregação muito forte pra vocês. (Vídeo "Articulação Puxirão, 4º Encontro Estadual"/Mapa 2)

Nesse ínterim, massifica-se entre os atores sociais uma atuação que assume o interesse econômico pelos territórios dos criadouros comunitários nos Faxinais. Tal postura utiliza uma série de mecanismos para potencializar o avanço da agricultura e da pecuária, bem como a própria industrialização sobre essas comunidades. Esse processo envolve a submissão de terras coletivas à lógica de propriedade privada, tanto por faxinalenses contrários à manutenção dos criadouros, quanto por pessoas vindas de fora, cuja cultura corresponde a um sentido de individualidade.

Assim, o princípio de propriedade privada, reconhecidamente característico da Sociedade Moderna amplia de forma irrestrita suas ações, invadindo o contexto das Comunidades Tradicionais de Faxinais, historicamente constituídas por uma lógica de propriedade coletiva e uso comum dos territórios. Isso provoca a perda de identificação com o território pelo deslocamento de uma forma de organização e manutenção atrelada a valores humanos para valores econômicos, corroborando com as reflexões de Diegues (1998), Nerone (2000), Brandt (2005), Barreto (2008) e Souza (2009). Nitidamente essa inversão de princípios implica na redução dos territórios faxinalenses que passaram a ser retalhados por práticas



de cercamentos, tendo em vista que muitas famílias têm instalado cercas em suas terras, instituindo uma lógica de propriedade privada que limita a ação coletiva dos faxinalenses.

No caso das Comunidades Tradicionais de Faxinais, áreas até então destinadas ao uso comum tornam-se restritas àqueles que por lei detêm os direitos legais de posse. Como consequência, percebe-se o enfraquecimento da prática de criação de porcos à solta, uma vez que se reduz a disponibilidade de áreas para a circulação livre dos animais. Tem-se ainda a diminuição das fontes de alimentos para os animais, o que eleva os custos de manutenção das criações.

Tais práticas de cercamentos já foram discutidas nos estudos de Nerone (2000), Souza (2009), Antoneli (2011) e Soares (2012), que apontaram as divergências para a manutenção das comunidades faxinalenses. Concomitantemente, os cercamentos foram relatados por Polanyi (2000) como uma prática que historicamente tem acompanhado o movimento de expansão e consolidação dos propósitos de exploração e acumulação de representantes públicos e privados da Sociedade de Mercado.

Deste modo, as narrativas revelam que a sobrevivência, das comunidades faxinalenses, se torna ameaçada, não só pela restrição de alimentos com a

redução de animais, mas de forma mais significativa pela desarticulação de uma atividade tradicional histórica, cujo significado coletivo corresponde à existência dos Faxinais. A prática de criação de porcos à solta por anos tem representado a base de manutenção da ordem social no sistema de vida comunitária dos faxinalenses. Essa atividade constitui-se numa arena social em que são reproduzidos princípios culturais que reforçam os valores humanos associados.

O uso coletivo do território para a criação de animais não representa somente o compartilhamento de um espaço físico, mas, o reconhecimento do outro e de suas práticas como elementos essenciais para a vida humana associada. Atributos que corroboram com as reflexões de Guerreiro Ramos (1989). É o entendimento de que a vida comunitária pauta-se em princípios de solidariedade e de reciprocidade, que atribui ao território faxinalense à relevância simbólica de integração desses valores humanos às relações sociais de parentesco, vizinhança e amizade.

Portanto, os territórios dos criadouros comunitários nos Faxinais representam as fronteiras de ação de costumes, crenças e valores compartilhados pelos faxinalenses, bem como das relações produtivas de subsistência. Trata-se de elementos culturais cujos significados encontram correspondência somente no contexto das Comunidades Tradicionais de Faxinais, nos laços de afetividade e de

interdependência constituídos entre os faxinalenses, dos quais dependeria a sobrevivência do grupo.

Destituídos dos territórios comunitários, que têm sido invadidos por uma lógica de propriedade privada, os faxinalenses têm os elos de convívio social rompidos, provocando o enfraquecimento de uma identidade coletiva historicamente construída. Essa identidade, no entanto, depende desses mesmos territórios para sua reprodução e transmissão a partir das experiências compartilhadas pelos faxinalenses no dia a dia da comunidade.

Assim sendo, o discurso da propriedade privada, conduzido tanto por pessoas externas como por faxinalenses, reforçam as evidências da contradição intrínseca ao acesso e ao uso dos territórios comunitários. A polaridade de interesses descreve um contexto marcado pela desconstrução territorial das comunidades faxinalenses.

Processo que é marcado pelo crescente movimento de cercamento de áreas comuns, pela redução das terras destinadas à criação de animais à solta, pela construção de chácaras de lazer e por divergências entre vizinhos com relação à forma de organização do grupo e do modo de condução das atividades realizadas nos Faxinais. Revelam-se esses aspectos nos trechos a seguir:



FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

Muitas pessoas vêm de fora, 'compra' terras no interior dos Faxinais e 'levanta' cercas em sua propriedade, o que acaba gerando conflitos com os faxinalenses, pois há uma redução do território do criadouro. Território que nos dias de hoje não suportaria ainda o número de pessoas que vivem em seu interior. (Agente Público B/Mapa 4)

Chegou um ponto que não teve mais como criar porco, por causa dos conflitos. Os chacreiros compraram as áreas e começaram a produzir plantar dentro do Faxinal onde era área do criadouro. (Faxinalense K/Mapa 4)

Porque nós tínhamos um criador grande, aí 'começou a entrar' os chacreiros e eles começaram a cercar. Você pode ver como é tudo cheio de cerca na beira da estrada. Os caras vieram de Curitiba e começaram a cercar e começou a diminuir o criadouro. (Faxinalense I/Mapa 4)

Na verdade eles acham, assim, que o modo deles lá é completamente diferente. Chega aqui, dentro dessas áreas abertas com os animais, né, aí ele diz assim: eu comprei, eu paguei, eu posso fazer o que bem quero. Aí eu vou cercar ou não, eu vou fazer o que pra mim interessa, né, foi isso que gera esses conflitos, não respeitam o modo de vida do povo. (Faxinalense C/Mapa 4)

Hoje já empresários estão comprando 'tudo essas áreas' para 'transformar elas' em chácaras, então é isso que tá dando um conflito muito grande também porque os empresários aqui compram pequenas



áreas. 2, 3 alqueires, e 'transforma' em chácara. Cercam a área do Faxinal que é proibido, aí vai começando a gerar conflitos, porque tem gente lá dentro que é a favor e esses que tão vendendo são contra, então o conflito tá dando aí. (Agente Público C/Mapa 4)

Os novos donos não concordavam com o sistema Faxinal. Tinham outros interesses. Queriam apenas cuidar de outras culturas comerciais e não de criação de animais. Colocaram, então, cercas para impedir que os eles passassem para suas propriedades e invadissem as plantações, mas os impedia que pastassem livremente pela parte do criatório comunitário, dificultando o processo de criação. (Reportagem "Faxinais são sistemas coletivos de exploração da terra"/Mapa 4)

A produção de carne suína apresenta técnicas de criação atrasadas na maior parte do Estado, produzindo animais de baixo porte e de alta incidência de verminoses e de cistecercose. Deve-se melhorar o rebanho paranaense através da introdução de melhores técnicas. (Documento "Plano de Desenvolvimento do Paraná: SAGMACS"/Mapa 4)

O sistema criatório de suínos é extensivo, com animais de raça indefinida, sem manejo adequado e prevenção de doenças. (Documento "Pró-Rural: Projeto Integrado de Apoio ao Pequeno Produtor Rural"/Mapa 4)

Finalmente, com base nas narrativas, é pertinente salientar que o reconhecimento das contradições decorrentes do discurso da propriedade privada e da eficiência produtiva, implica no desvelamento de fatores que reforçam as barreiras à manutenção das práticas tradicionais de subsistência nas Comunidades Tradicionais de Faxinais, ameaçando o modo comunitário de organização social dos faxinalenses.

Nesse contexto, os faxinalenses se deparam com a supressão dos elos sociais de parentesco, amizade e vizinhança responsáveis pela conservação da ação coletiva entre seus membros, desarticulando acordos e práticas comunitárias, o que reforça as reflexões de Silva (2012), uma vez que imputar aos territórios tradicionais dos Faxinais uma lógica de propriedade privada implica em potencializar a desfiguração dos princípios de solidariedade e de comunhão vigentes entre os faxinalenses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento acadêmico dominante elege a organização formal capitalista como a única forma organizacional possível. Visão que corresponde a um processo ideológico e hegemônico atrelado a uma lógica utilitarista instituída pela Sociedade de Mercado. Inserido na área de Estudos Organizacionais em

Administração e inclinado a uma perspectiva crítica acerca de Formas Não Convencionais de Organização, este estudo teve como propósito compreender o impacto do discurso e de ações alinhadas a uma visão desenvolvimentista sobre a forma de organização, o modo de produção e o convívio social no contexto das Comunidades Tradicionais de Faxinais.

Desse modo, entende-se que as Comunidades Tradicionais representam fenômenos sociais possíveis e relevantes para compor o rol de objetos de análise à disposição de pesquisadores, críticos ou não, no campo de Estudos Organizacionais em Administração. Enquanto Formas Não Convencionais de Organização, representam fenômenos que, em função das suas características peculiares constituintes têm a lógica substantiva como guia de sua forma de organização e de suas práticas, constituindo *insights* para estudos interessados no rompimento com os pressupostos dominantes do modo de produção capitalista.

Entende-se que fomentar reflexões teóricas e empíricas acerca do conceito de organização visando romper com categorizações atualmente aceitas e reproduzidas em diferentes estudos contribuiria para o reconhecimento da multiplicidade de formas e práticas organizacionais dotadas de singularidades que as tornam distintas entre si. Assumir um conceito de organização não excludente acarretaria na flexibilização do arcabouço teórico de Administração

levando a uma compreensão múltipla dos fenômenos sociais na área de Estudos Organizacionais.

Por outro lado, o paradigma dominante da Sociedade de Mercado, como reforça Santos (2010), pressiona qualquer forma alternativa de proposta para grupos sociais. Supremacia que ocorre tanto pelo fato de que Formas Não Convencionais de Organização não seriam capazes de garantir crescimento, desenvolvimento e progresso constantes das estruturas econômicas hegemônicas, quanto pelo fato de que tais configurações sociais prejudicariam a ideologia de sucesso individual baseado no ganho particular e na propriedade privada e acumulação de capital.

Assim sendo, se formas alternativas de convívio social indicam a possibilidade de uma vida baseada na racionalidade substantiva, promovendo o resgate do ser humano como central de seu modo de organização e da forma de condução das atividades cotidianas, também são constantemente ameaçadas, por um paradigma dominante que impõe com severidade uma racionalidade instrumental. Essa lógica limita princípios de solidariedade, reciprocidade e comunhão, impondo um sistema hegemônico cada vez mais influente, que age na supressão de valores sociais humanos para a expansão de princípios utilitaristas.

Portanto, constatou-se que a tensão intrínseca ao acesso e ao uso dos territórios comunitários que é reproduzida pelo discurso da propriedade privada e da eficiência produtiva, reforça conflitos e contradições entre o modo de vida tradicional das comunidades faxinalenses e os propósitos desenvolvimentistas de atores públicos e privados, promovendo a fragmentação de elementos culturais e da coletividade no cotidiano das Comunidades Tradicionais de Faxinais.

Desse modo, a substituição da prática de subsistência pela produção para o mercado condiciona a identidade coletiva dos faxinalenses a um processo de encapsulamento cultural em decorrência do processo de desconstrução dos territórios comunitários. Crenças, valores, costumes e conhecimentos tradicionais em função do isolamento, ao qual as pessoas são submetidas seriam destituídos de seu significado social e sofreriam o rompimento de um ciclo histórico de compartilhamento entre as pessoas.

Ou seja, os fatores culturais correspondentes à construção das singularidades reconhecidas no contexto das Comunidades Tradicionais de Faxinais, pela redução ou despersonalização dos mecanismos comunitários de transmissão, deixam de ser reproduzidos nas comunidades faxinalenses. Os territórios faxinalenses assim se veem invadidos por uma lógica utilitarista de organização e produção.

Por fim, a desagregação dos criadouros comunitários, ou seja, a desconstrução das terras de criar pode ser percebida a partir de duas dimensões, uma física e a outra simbólica, corroborando com as discussões de Wagley (1954) e Nogueira (1955) ao apontar o espaço, físico ou simbólico, como o elemento central na delimitação de uma comunidade, ou com as reflexões de Hobsbawm (2000) sobre a ação da ideologia do progresso sobre o território, físico e simbólico, de povos antigos.

Fisicamente corresponde ao cercamento e redução do território comunitário, que passa a ser mantido individualmente por seus proprietários, fragmentando atividades ligadas à produção de subsistência dos faxinalenses. Em termos simbólicos, pelo processo de aprisionamento da consciência coletiva em que a personalidade moral compartilhada pelos membros da comunidade tem sua centralidade destituída. Conseqüentemente, comportamentos e condutas sociais são condicionados a normas e princípios individuais gerando uma série de conflitos e contradições no cotidiano das Comunidades Tradicionais de Faxinais.

Considerando a relevância do estudo sobre Formas Não Convencionais de Organização como busca por alternativas ao *Management*, é pertinente apontar as reflexões acerca das contribuições das Comunidades Tradicionais de Faxinais para se pensar em uma organização que seja de fato coletivamente orientada.

Isto se torna relevante se considerados os limites conceituais da atual Teoria das Organizações para a compreensão de diferentes formas de associações humanas por conta de, apesar do discurso dominante que defende a existência de formas coletivistas (co-gestão, gestão participativa, gestão social), na verdade, os mecanismos gerenciais e organizativos do *Management* refletem ideais individualistas e centrados na racionalidade instrumental, servindo, antes de tudo, como reforço ideológico (FARIA, 2009).

Partindo desta premissa, defendeu-se no presente estudo que a ocorrência de iniciativas comunitárias notadamente coletivistas que surgiram durante a propagação do capitalismo se deu, de certa forma, como resistência à imposição de um projeto de sociedade centrado no individualismo e na acumulação capitalista. Ou seja, estas iniciativas comunitárias que emergiram ao redor do mundo – especialmente em um contexto geográfico periférico aos grandes centros industrializados e economicamente desenvolvidos – seriam antigas formas de organizar que foram esquecidas e/ou marginalizadas pela Sociedade Capitalista. A força da re-descoberta destas formas de organização está em reconhecer o potencial explicativo de seus princípios diferenciados para a constituição de formas organizacionais centradas no ser humano.

Finalmente, destacamos a seguir premissas organizativas das Comunidades Tradicionais de Faxinais que podem contribuir objetivamente para o campo de estudos organizacionais como novas referências teóricas. Este esforço de inspira no projeto iniciado por Guerreiro Ramos (1989) de busca por novas referências para a área.

*A descaracterização da lógica de propriedade privada pelo uso coletivo de espaços e de bens.* O contexto organizacional das comunidades faxinalenses estabelece a possibilidade de um convívio entre os pares que não admite competitividade e sim cooperação. Neste sentido, nestas comunidades não se estabelece a propriedade privada como elemento de sucesso e diferenciação, onde a terra surge como recurso de fato coletivista. Se adotarmos a linguagem marxiana, poderíamos dizer que a terra, no que se refere à criação de porcos, é considerada por seu valor de uso, e não de troca. Esse princípio torna-se fundamental para a compreensão das formas de gestão e organização comunitárias tendo em vista que, diferente de outras propostas anunciadas como alternativas ao modelo dominante – como, por exemplo, as sociedades cooperativas – os Faxinais não se fundamentam na propriedade jurídica coletivista; ou seja, não está presente nos Faxinais a ideia de que todos os participantes são donos do negócio ou de um patrimônio. Essa descaracterização é importante, pois, representa a ruptura com

um padrão fundamental da sociedade de mercado, o princípio da equivalência contratual e da monetarização dos bens.

*O respeito mútuo entre as pessoas e o resgate da essência do ser humano no cotidiano.* As pessoas são percebidas como indivíduos que compõem uma sociedade ampla e não como sujeitos isolados e autossuficientes, que agem individualmente em busca de objetivos eminentemente individuais. Constituem alternativa de forma de vida que compõe uma proposta de convívio social centrada no comunitário e na tolerância as diferenças humanas entre membros de distintas raízes étnicas, expressando possibilidades concretas de emancipação, autonomia, soberania alimentar e cultural. Reflete valores substantivos de organização da vida humana associada tal como anunciados por Guerreiro Ramos (1989), que é delimitada pela preocupação dos membros do grupo com elementos de uma cultura comunitária centrada na coletividade, na solidariedade e no convívio social, e em oposição a um discurso de defesa da economia mercantilista, constituída sob a égide do individual, da competição e da acumulação financeira.

*A produção centrada na prática de subsistência.* As atividades dos faxinalenses guiam-se pela ênfase em práticas de produção de subsistência, desconectadas da lógica utilitarista de acumulação do capital. Em grande parte, este princípio é fundamental para que se imponham limites ao ritmo da produtividade, e reforça

os elos sociais entre os membros das comunidades. Mesmo quando ocorre excedente da produção – ou seja, a produção é maior do que o necessário para a subsistência dos produtores – o foco central nos Faxinais é a produção para a manutenção da comunidade, manifestada nas práticas de troca entre os faxinalenses.

Assim, considerando a relevância do estudo sobre Formas Não Convencionais De Organização, bem como as reflexões construídas no decorrer deste trabalho, é pertinente propor alguns caminhos que se revelam como possibilidades de investigação para futuros pesquisadores. Isso para que sejam ampliados os conhecimentos teóricos e empíricos na área de Estudos Organizacionais em Administração, em decorrência dos limites conceituais da atual Teoria das Organizações para a compreensão de diferentes formas de associações humanas. Portanto, assumindo-se que os pressupostos defendidos pela moderna Teoria das Organizações implicam no reconhecimento de um único tipo de organização social, as organizações formais burocráticas alinhadas ao modo de produção capitalista, defende-se o resgate dos princípios inerentes à abordagem substantiva da organização em Estudos Organizacionais na área de Administração.

As reflexões de Guerreiros Ramos (1989) acerca da Teoria da Vida Humana Associada nas bases da racionalidade substantiva representam um campo de investigação acadêmica, na área de Estudos Organizacionais em Administração, que depende de maior atenção por parte dos pesquisadores pela possibilidade de consolidação das diretrizes apontadas pelo autor como base para a reformulação da Teoria das Organizações. Tais diretrizes prezam pela multiplicidade de princípios singulares que correspondem a diferentes contextos sociais.

Concomitantemente, torna-se evidente a necessidade de ampliação do campo de investigação de pesquisadores na área de Estudos Organizacionais em Administração para a análise de formas não convencionais de organização, como por exemplo, contextos comunitários tradicionais, pela possibilidade de contribuir significativamente para a quebra de paradigmas hegemônicos ideologicamente difundidos pelas concepções teóricas vigentes. Essa proposição é endossada pelas reflexões de Misoczky (2006; 2012) e Vizeu (2008; 2011), que questionam a supremacia, no Brasil, de análises em torno de organizações formais.

Outro aspecto relevante com relação ao estudo de comunidades tradicionais diz respeito à necessidade por uma compreensão da construção histórica da atual crise na qual a sociedade está inserida. A análise de tais contextos sociais permite que pesquisadores observem com mais atenção os princípios que instituem

costumes, valores, crenças, conhecimentos e práticas comunitárias tradicionais, nos dias atuais esquecidas.

Finalmente, corroborando com as reflexões de Vizeu (2010), é necessário atribuir aos Estudos Organizacionais em Administração o adequado tratamento da perspectiva histórica. Conforme observam Booth e Rowlinson (2006), essa ênfase constitui-se um elemento central, tendo em vista que sua construção pode possibilitar a teorização da história de uma realidade, tornando-a assim parte de um conjunto teórico que visa a explicar os fenômenos organizacionais.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. M. Importância ecológica, sócio-cultural e histórico do Sistema de Faxinal no município de Rebouças, como meio de produção auto-sustentada. 2000. 63 f. Monografia (Especialização em Instrumentalização para o Ensino de Ciências) – Setor de Ciências Exatas e de Tecnologia, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2000.

ANDRADE, M. C. Cidade e campo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1974. 224 p.

ANTONELLI, V. Dinâmica do uso da terra e a produção de sedimentos em diferentes áreas fontes na Bacia Hidrográfica do Arroio Boa Vista – Guamiranga/PR. 2011. 354 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

ANTUNES, J.; SOCHODOLAK, H. O faxinal e a narrativa trágica. Revista Tempo, Espaço e Linguagem, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 133-143, jan./jul. 2010.

BARRETO, M. A produção camponesa e o monopólio do território pelo capital: espacialidades distintas na extração da erva-mate na região da floresta com Araucária do Paraná. 2008. 94 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Setor de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

BENDIX, R. Industrialization, management, and ideological appeals. In: BENDIX, R. Work and authority in Industry. Berkeley: University California Press, 1974. P. 1-21.

BERTUSSI, M. L. Faxinais etnicidade e reconhecimento. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE DIREITOS HUMANOS E PLURALISMO JURÍDICO, I, 2008, Florianópolis Anais... Florianópolis: UFSC, 2008a.



FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

BERTUSSI, M. L. Faxinais: um olhar sobre a territorialidade, reciprocidade e identidade étnica. In: ALMEIDA, A. W. B.; SOUZA, R. M. Terras de faxinais. Manaus: UEA, 2009. 184 p.

BOEHS, C. G. E.; SEIFERT, R. E.; VIZEU, F. Organizações formais e sua contraparte: as organizações sociais e uma reflexão/desconstrução a partir da dimensão da racionalidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, I, 2013, Fortaleza. Anais... Fortaleza: SBEO, 2013. p. 447-468.

BOOTH, C.; ROWLINSON, M. Management and organizational history: prospects. Management & Organizational History, London, v. 1, n. 1, p. 5-30, 2006.

BOURDÉ, G.; MARTIN, H. As escolas históricas. Lisboa: Europa-América, 1983. 220 p.

BRANDT, M. Memórias e oralidade no acesso e uso da terra em comum no Planalto de Santa Catarina. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL: CULTURAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES, IV, 2007. Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2007.

BRANDT, M. Terras de uso comum no Planalto Serrano de Santa Catarina: um estudo sobre a localidade do Campo da Dúvida, atual município de Fraiburgo



entre as décadas de 1930 e 1960. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, III, 2005, Presidente Prudente. Anais... Presidente Prudente: UNESP, 2005.

BRANDT, M.; CAMPOS, N. J.; Uso comum da terra e práticas associativistas da população cabocla do planalto catarinense. Geosul, Florianópolis, v. 23, n. 45, p 43-64, jan./jun. 2008.

BRAVERMAN, H. Gerência científica. In: BRAVERMAN, H. Trabalho e capital monopolista. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 82-113.

BURKE, P. A escrita da história. São Paulo: Unesp, 1992. 368 p.

BURKE, P. Theorists and historians. In: BURKE, P. History and social theory, New York: Cornell University Press, 2005. p. 1-20.

DEL PRIORE, M. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 376-398.

DIEGUES, A. C. The myth of untamed nature in the Brazilian rainforest. São Paulo: USP/NUPAUB, 1998. 138 p.



DOMINGUES, Z. H. Hierarquização dos faxinais inscritos no Cadastro Estadual de Unidades de Conservação e uso especial, visando ao ICMS Ecológico. 1999. 154 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

ESTEVA, G.; PRAKASH, M. S. Beyond development, what? Development in Practice, London, v. 8, n. 3, p. 280-296, Aug. 1998.

FARIA, J. H. Gestão participativa: relações de poder e de trabalho nas organizações. São Paulo: Atlas, 2009. 402 p.

FERREIRA, E. S. A influência do sistema faxinal no estado ambiental da Bacia Hidrográfica do rio Sete Saltos – PR. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Setor de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.

GODOI, C. K. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Org.). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 375-402.

GODOI, C. K. A perspectiva da interpretação social dos discursos – uma prática de análise dos discursos motivacionais na aprendizagem com base nos atos da fala, enunciação e contexto. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, XXXII, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

GRZEBIELUKA, D. Por uma tipologia das comunidades tradicionais brasileiras. Revista Geografar, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 116-137, jun. 2012.

GUERREIRO RAMOS, A. A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações. Rio de Janeiro: FGV, 1989. 209 p.

GUIMARÃES, S. P. Quinhentos anos de periferia: uma contribuição ao estudo da política internacional. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 166 p.

HARVEY, D. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2007. 352 p.

HAURESKO, C. Sistema camponês: uma reflexão a partir do estudo dos produtores de fumo em Prudentópolis. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, III, 2005, Presidente Prudente. Anais... Presidente Prudente: UNESP, 2005.



FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

HERACLEOS, L. Discourse, interpretation, organization. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 218 p.

HOBBSAWM, E. J. A era das revoluções: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 642 p.

HOBBSAWM, E. J. A era do capital: 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 602 p.

HOBBSAWM, E. J. Da revolução industrial inglesa ao imperialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 350 p.

HOBBSAWM, E. J. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 440 p.

INIGUEZ, L. Manual de análise do discurso em ciências sociais. Petrópolis: Vozes, 2004. 311 p.

LE GOFF, J. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 318 p.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia, Brasília, n. 322, p. 1-32, 2002.



LÖWEN SAHR, C. L. Povos tradicionais e territórios sociais: reflexões acerca dos povos e das terras de Faxinal do bioma da mata com araucária. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, III, 2005, Presidente Prudente. Anais... Presidente Prudente: UNESP, 2005.

MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. Microfísica do poder. São Paulo: Graal, 2004. p. ix-xxv.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. 413 p.

MISOCZKY, M. C. Rememorando a organização e práxis dos centros populares de cultura. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, VII, 2012, Curitiba. Anais... Curitiba: ANPAD, 2012.

MISOCZKY, M. C. Voices of dissent and the organization of struggles and resistances. *Ephemera*, Warwick, v. 6, n. 3, p. 224-239, 2006.

NEIVERTH, N.; LÖWEN SAHR, C. L. Reflexões em torno de políticas e ações governamentais na comunidade faxinalense Taquari dos Ribeiros (Rio Azul/PR).



FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

In: SEMANA DE GEOGRAFIA, XVI, 2005, Ponta Grossa. Anais... Ponta Grossa: UEPG, 2005.

NERONE, M. M. Terras de plantar, terras de criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997. 2010. 256 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2010.

NEUMAN, L. W. Social research methods: qualitative and quantitative approaches. Boston: Allyn & Bacon, 1997. 640 p.

NOGUEIRA, O. Os estudos de comunidades no Brasil. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 95-103, dez. 1955.

NOVAK, R.; FAJARDO, S. Desintegração e resistência do sistema faxinal em Itapará – Irati – PR. Revista Eletrônica Lato Sensu, Irati, ed. 4, p. 1-12, 2008.

POLANYI, K. A grande transformação: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 400 p.

RAMOS, J. O. Faxinal dos Kruger: conflitos do passado e do presente. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009a.

RAMOS, J. O. Faxinal dos Kruger: as lembranças do seu passado. In: ALMEIDA, A. W. B.; SOUZA, R. M. (Org.). Terras de faxinais. Manaus: UEA, 2009b. p. 167-183.

RODRIGUES, L. C. M.; ALMEIDA, J. G.; FARIAS FILHO, M. S. Território, territorialidades e luta pela titulação de comunidades tradicionais: o caso da comunidade de Contenda/Viana/Maranhão. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, XXI, 2012, Uberlândia. Anais... Uberlândia: UFU/LAGEA, 2012.

RUPP, M. L. T.; MARTINS, V. Mudanças culturais nos Faxinais. In: SOCHODOLAK, H.; CAMPIGOTO, J. A. Estudos em história cultural na região Sul do Paraná. Guarapuava: Unicentro, 2008. p. 79-116.

SACHS, I. O desenvolvimento enquanto apropriação dos direitos humanos. Estudos Avançados, São Paulo, v. 12, n. 33, 1998.

FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

SACHS, I. Desenvolvimento numa economia mundial liberalizada e globalizante: um desafio impossível? Estudos Avançados, São Paulo, v. 11, n. 30, p. 213-242, maio/ago. 1997.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2010. 176 p.

SANTOS, M. Economia espacial: críticas e alternativas. São Paulo: USP, 2007. 208 p.

SAUNDERS, M.; LEWIS, P.; THORNHILL, A. Research methods for business students. Harlow: Pearson Education, 2000. 656 p.

SCHMITZ, H.; MOTA, D. M.; SILVA JUNIOR, J. F. A gestão coletiva de bens comuns: o sistema Faxinal e o manejo florestal comunitário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, I, 2005, Florianópolis. Anais... Florianópolis: EPAGRI/UFSC, 2005.

SCHUMACHER, E. F. O negócio é ser pequeno: um estudo de economia que leva em conta as pessoas. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. 261 p.

SEIFERT, R. E.; VIZEU, F. A ideologia do crescimento organizacional: um olhar histórico. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-



GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, XXXV, 2011, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

SEIFERT, R. E.; VIZEU, F. Crescimento organizacional: uma ideologia gerencial? Revista de Administração Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 127-141, jan./fev. 2015.

SERVA, M. R. Racionalidade e organizações: o fenômeno das organizações substantivas. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1996.

SILVA, A. A. I. Para compreender a transformação do patrimônio cognitivo agrícola e ecológico do Faxinal Taquari dos Ribeiros, Rio Azul, Paraná: abordagem etnocientífica e geográfica. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Setor de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2012.

SILVA, M. A contribuição da floresta de Araucária para sustentabilidade dos Sistemas Faxinais. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento

Econômico) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SOARES, J. G. Comunidades faxinalenses no município de Rio Azul/PR: gênese, características e transformações nos padrões espaciais de povoamento. 2012. 200 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Setor de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2012.

SOUZA, A. A. G. Limites da propriedade privada absoluta: luta das comunidades quilombolas Poça e Peropava pelo direito de posse no Vale do Ribeira/SP. 2011. 264 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SOUZA, R. M. Fronteiras e passagens: a construção da identidade faxinalense. SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA & POLÍTICA, I, 2009, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, 2009.

SOUZA, R. M. Mapeamento social dos faxinais no Paraná. In: ALMEIDA, A. W. B.;

SOUZA, R. M. (Org.). Terras de Faxinais. Manaus: UEA, 2009a. p. 29-88.

SOUZA, R. M.; BERTUSSI, M. L. Relatório Final do 1º Encontro dos Povos dos Faxinais. Irati: IAP, 2005. 133 p.

SOUZA, R. M.; SEIDEL, K. Q. Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses: no direito ou na luta, essa terra é Faxinalense. ENCONTRO ESTADUAL DOS POVOS FAXINALENSES, II, 2009, Irati. Anais... Irati: s. l., 2009.

SPINK, M. J. P.; FREZZA, R. M. Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M. J. P. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 1-21.

SPINK, M. J. P.; GIMENES, M. G. G. Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 149-171, 1994.

SPINK, M. J. P.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. P. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000. p. 93-122.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. P. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22-41.

SPINK, M. J. P.; MENEGON, V. M. A Pesquisa como Prática Discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, M. J. P. (Org.). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 42-70.

TOLEDO, I. A. Representações e práticas culturais do Sistema Faxinal. In: SOCHODOLAK, H.; CAMPIGOTO, J. A. Estudos em história cultural na região Sul do Paraná. Guarapuava: Unicentro, 2008. p. 117-150.

TÚLIO, E. O sistema faxinal: o ápice e o declínio de uma experiência coletiva de vida no campo. 2004. 49 f. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2004.

VIZEU, F. Rural heritage of early Brazilian industrialists: its impact on managerial orientation. *Brazilian Administration Review*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 68-85, jan./mar. 2011.

VIZEU, F. (Re)contando a velha história: reflexões sobre a gênese do *management*. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 14, n. 5, p. 780-797, set./out. 2010.

VIZEU, F. Management no Brasil em perspectiva histórica: o projeto do IDORT nas décadas de 1930 e 1940. 2008. 254 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008.

VIZEU, F. Organizações burocratizadas rumo à razão comunicativa: o caso de uma instituição psiquiátrica. 2004. 182 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

VIZEU, F.; MENEGHETTI, F. K.; SEIFERT, R. E. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 569-583, set. 2012.



FORMAS NÃO CONVENCIONAIS DE ORGANIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA:  
REFLEXÕES ACERCA DO DISCURSO DE DESENVOLVIMENTO NO MODO DE VIDA DOS FAXINAIS

WAGLEY, C. Estudos de comunidades no Brasil sob perspectiva nacional. Sociologia, São Paulo, v. XVI, n. 2, p. 3-22, maio 1954.

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 288 p.

WEBER, M. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UnB, 2009. 2. v.

# Formas não convencionais de organização na América Latina: reflexões acerca do discurso de desenvolvimento no modo de vida dos faxinais

## Resumo

Inserido na área de Estudos Organizacionais em Administração e inclinado a uma perspectiva crítica acerca de Formas Não Convencionais de Organização, o presente estudo teve como objetivo compreender o impacto do discurso e das ações alinhados a uma visão desenvolvimentista sobre a organização, o modo de produção e o convívio social nas Comunidades Tradicionais de Faxinais. O estudo iniciou-se com levantamento e organização de material documental, com composição final de 101 documentos e 10 materiais áudio visuais. Foram realizadas 12 entrevistas com faxinalenses e 3 com agentes públicos. Os dados foram analisados pela técnica de análise social do discurso. As contradições no acesso e no uso dos territórios comunitários, reproduzidas pelo discurso da propriedade privada e da eficiência produtiva, reforçam os conflitos entre o modo de vida tradicional das comunidades faxinalenses e os propósitos desenvolvimentistas de atores públicos e privados. Processo que tem promovido uma acelerada fragmentação de elementos culturais e da coletividade, característicos dos Faxinais.

## Palavras-Chave

Formas não convencionais de organização; Comunidades tradicionais; Faxinais; Desenvolvimentismo.



# Non-conventional organization forms in Latin America: reflections about the development discourse on the livelihood of faxinais

## Abstract

The current study is inserted in the field of Organizational Studies in Management and heads towards a critical perspective on Non-conventional Organization Forms. It aims to understand the impact caused by the speech and actions aligned with a developmental view of organization, production mode and social life in traditional communities of Faxinais. The study began by gathering and organizing documentary material, which final composition comprised 101 documents and 10 audiovisual materials. In addition, 12 interviews were conducted with faxinalenses and 3 with public officials. Data were analyzed by the speech social analysis technique. The contradictions in the access and use of community territories, which are reproduced by the private property and production efficiency discourses, reinforce the conflict between Faxinal communities' traditional way of life and the developmental purposes of public and private actors, thus fragmenting cultural elements and collectivity in Faxinais.

## Keywords

Non-conventional organization forms; Traditional communities; Faxinais; Developmentalism.



# Formas no convencionales de organización en América Latina: reflexiones sobre el discurso del desarrollo en los medios de subsistencia de faxinais

## Resumen

Insertado en el área de Estudios Organizacionales en Administración e inclinada a una perspectiva crítica sobre las Formas No Convencionales de Organización, este estudio busca comprender el impacto del discurso y las acciones alineadas con una visión de desarrollo de la organización, métodos de producción y el convivio social en las Comunidades Tradicionales de Faxinais. El estudio se inició con entrada y organización de material documental cuya composición final fue 101 documentos y 10 materiales audiovisuales. Además, hubo 12 entrevistas con faxinalenses y 3 con funcionarios públicos. Los datos fueron analizados por la técnica de análisis social del discurso. Las contradicciones en el acceso y uso de los territorios comunitarios, interpretados por el discurso de la propiedad privada y de la eficiencia de la producción, refuerzan los conflictos entre el modo de vida tradicional de las comunidades faxinalenses y los propósitos de desarrollo de los actores públicos y privados, promoviendo la fragmentación de elementos culturales y de la colectividad en los Faxinais.

## Palabras clave

Formas no convencionales de organización; Comunidades tradicionales; Faxinais; Desarrollismo.



## Autoria

### Antônio João Hocayen-da-Silva

Doutor em Administração pela Universidade Positivo. Professor Assistente na Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: [hocayen@yahoo.com.br](mailto:hocayen@yahoo.com.br).

### Fabio Vizeu

Doutor em Administração pela Fundação Getulio Vargas. Professor Adjunto do da Universidade Positivo. E-mail: [fabio.vizeu@gmail.com](mailto:fabio.vizeu@gmail.com).

### Rene Eugenio Seifert

Ph.D em Management pela University of Birmingham. Professor Magistério Superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: [r.e.seifert@gmail.com](mailto:r.e.seifert@gmail.com).

### Endereço para correspondência

Antônio João Hocayen-da-Silva. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, PR 153, Km 07, Riozinho, Irati, PR, Brasil. CEP: 84500-000. Telefone: (+55 42) 34213000.

## Como citar esta contribuição

HOCAYEN-DA-SILVA, A. J.; VIZEU, F.; SEIFERT, R. E. Formas não convencionais de organização na América Latina: reflexões acerca do discurso de desenvolvimento no modo de vida dos faxinais. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 3, n. 8, p. 1156-1253, dez. 2016.

*Contribuição Submetida em 28 maio 2015. Aprovada em 2 dez. 2016. Publicada online em 3 mar. 2017. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*

